



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

HIPÓLITO MARIA ANDRÉ JULIÃO VIDA

O Ritual das Exéquias reformado pelo Concílio Vaticano II

Passos dados e desafios na Igreja de hoje

Dissertação Final

sob orientação de:

Doutor D. Bernardino Ferreira da Costa

Porto

2016

Siglário e Abreviaturas

SC – *Sacrosanctum Concilium* – «Constituição sobre a Sagrada Liturgia», in *Concilio Ecuménico Vaticano II, Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios*, 10ª edição, Braga: editorial A. O, 1987, pp. 12-41.

ed. – Editora

Cf. – Confrontar

PL – *Patrologiae Cursus Completus, Series Latinae*, ed. J. P. Migne, Paris 1878-1976.

Vol. – Volume

S/A – Sem Autor

INTRODUÇÃO

Pode parecer estranho abrir esta introdução com um texto alusivo ao rito das exéquias, com palavras referentes à morte, mas vamos exactamente começar por esta realidade que, aos olhos do mundo, é muito dolorosa:

«Aqueles que tiveram a força e o amor para ficar ao lado de um paciente moribundo, com o *silêncio que vai além das palavras*, saberão que tal momento não é assustador nem doloroso, mas um cessar em paz do funcionamento do corpo. Observar a morte em paz de um ser humano faz-nos lembrar uma estrela cadente. É uma, entre milhões de luzes do céu imenso, que cintila ainda por um breve momento para desaparecer para sempre na noite sem fim. Ser terapeuta de um paciente que agoniza é conscientizarmo-nos da singularidade de cada indivíduo neste oceano imenso da humanidade. É uma tomada de consciência da nossa finitude, do nosso limitado período de vida. Poucos dentre nós vivemos além dos setenta anos. Ainda assim, nesse curto espaço de tempo, muitos dentre nós criamos e vivemos uma biografia única, e nós mesmos tecemos a trama da história humana»¹.

A morte envolve todo o ser vivo, pois ela faz parte do crescimento humano, desde o berço até ao túmulo. Por isso mesmo, a grande preocupação do homem é dar um destino digno ao cadáver do ente querido que, no decorrer da vida, foi enfrentando a morte. No

¹ Elisabeth KUBLER ROSS – *Sobre a Morte e o Morrer*, São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 286-287.

progresso da história houve sempre maneiras diferentes de lidar com os mortos, sempre mais perfeitas, pois o homem, cada vez mais ligado às diferentes religiões, acredita na existência de vida depois da morte. Saliente-se que «todas as crenças da antiguidade tinham em comum a ideia de que o culto aos mortos merece um lugar preponderante»².

Nos dias que decorrem, a sociedade é um pouco séptica perante a realidade da morte, por não conseguir enfrentá-la. Desta forma, a morte é tratada como se tivesse perdido a “cidadania”, permitindo-nos, assim, afirmar que desta maneira a vida será o começo natural do envelhecimento que vai desaguar na morte.

Tratando-se de um problema do homem, a ciência procura nas suas mais sofisticadas teorias desvendar o mistério da morte, mas ela continua a grande incógnita, na medida em que ninguém consegue exterminá-la e nem suprimir o deságio que ela provoca. Portanto, a morte é, hoje, um dos temas mais debatido e pouco compreendido.

Enquanto não percebermos o significado da morte, esta questão do “porque morremos” permanecerá sempre um problema. Aqui, o rito das exéquias assume um papel fundamental. Sem descurar o contexto cultural, a religião acaba por dar respostas que o ser humano busca quando a morte o visita. O sentimento de perda expõe a fragilidade e a fugacidade da vida humana que busca amparo no Absoluto a fim de encontrar forças para viver.

Perante o problema da morte, realidade não muito bem aceite pelo homem dos nossos dias por temê-la excessivamente, é preciso valorizar os aspectos fundamentais dos ritos exequiais, pois, eles colocam as pessoas num confronto salutar com o real, ou seja, ver partir aqueles que muito amaram para uma viagem sem retorno. Ora, o rito das exéquias é uma mística capaz de atenuar feridas profundas que vão corroer a nossa existência ao

² H. LECLERCQ - «Catacombes», in *Dictionario d'archéologie chrétienne et de liturgie*, ed. Fernand CABROL, tome deuxième, 2^{ème} partie (II/2), Paris: Letouzey et Âne editeurs, 1910, p. 2377.

enfrentarmos esta dolorosa separação e ao aceitá-la como uma realidade humana que, por vezes, nos desperta a esperança de qualquer coisa para além da morte, pois Deus é o Deus da vida e não da morte.

«A morte não é um fracasso. Ela faz parte da vida. É um acontecimento que se tem de viver. Uma “realidade vigorosa”, dizia Teilhard de Chardin, uma realidade que nos desperta, nos obriga a tomar consciência de nossos valores mais profundos, uma realidade que nos convida a criar, pensar, procurar um sentido. O “tempo de morrer” tem um valor. Portanto, deve ser respeitado porque tem um sentido, mesmo se este nos escapa. É o tempo das últimas permutas de vida, o tempo de fechar o círculo, o tempo de preparar-se para passar para a “outra vida”, seja qual for a representação que dela se tenha, e mesmo se essa outra vida permanece um mistério completo»³.

O rito das exéquias não é, hoje, fácil de ser realizado nas grandes cidades, pois o contexto familiar tornou-se cada vez mais profano, neopagão e, frequentemente doloroso, frente a uma Igreja que nos oferece a perspectiva de vida eterna. A descristianização é um facto concreto e crescente consequência do seu desenraizamento cultural. Se as pessoas sentem tanta dificuldade em rezar o “Pai Nosso” durante os enterros dos seus familiares e amigos, quanto mais em participar de cânticos, rezar o credo, etc.! Uma vez mergulhados nestes desaires, como resgatar o simbólico, o alegórico, o poético e o extraordinário que cercam os funerais cristãos? Como fazê-lo num ambiente marcado pelo insólito que se converte muitas vezes na falta de fé?

Entretanto, o ritual de exéquias exerce um papel importante, enquanto é um anúncio da Páscoa, num clima de confiança na misericórdia de Deus. É um rito de entrega da pessoa falecida nas mãos de Deus e, ao mesmo tempo, um rito de consolação para os familiares e

³ Marie de HENNEZEL; Jean-Yves LELOUP - *A arte de morrer. Tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*, 3ª edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 40.

amigos que lhes possibilita aceitarem com fé e tranquilidade os dias de luto em que estão envolvidos.

Para a Igreja, a dimensão e a atenção catequética no ritual das exéquias têm sido fortemente destacadas desde a promulgação do ritual pelo Papa Paulo VI. O chamado ritual das exéquias vai além de uma simples cerimónia de encomendação dos defuntos durante o velório. Ele é um direito do cristão e um dever dos ministros da Igreja e da comunidade eclesial para com seus irmãos falecidos.

A nossa motivação para a escolha deste tema deriva do facto de sentirmos que, actualmente, tendemos para o “minimalismo” com relação ao que a Igreja propõe relativamente à valorização dos ritos das exéquias. Para alguns, estes ritos são uma perda de tempo, porque o “morto já está morto” e não será pelas orações ou ritos que ele voltará à vida. Ignora-se, assim, a vida eterna, a vida do após morte, na qual seremos glorificados por Cristo que superou a morte depois de a ter experimentado. Perante esta realidade, «o respeito pelas pessoas e pelas famílias é um dos desafios da nossa vida em sociedade»⁴.

Assim, o que pretende esta modesta pesquisa é analisar a celebração cristã da morte e averiguar até que ponto o ritual das exéquias responde aos anseios mais íntimos de quem passa pela experiência da perda. Para tal, em três capítulos desenvolveremos o nosso tema, tendo como fonte principal, o ritual romano de celebração das exéquias. O nosso trabalho seguirá na linha dos estudos de Philippe Rouillard, *Os Ritos dos Funerais*. Para solidificarmos o nosso trabalho, servir-nos-emos de outros pensadores, tais como: José Aldazábal, nos seus diversos escritos sobre a celebração das exéquias; Aimé-Georges Martimort, cujos artigos extraímos, entre outras obras, nos riquíssimos volumes da *Igreja em Oração, Introdução à Liturgia*; F. Brovelli, que expõe sua reflexão sobre as *Exéquias* no *Dicionário de Liturgia*, S.

⁴ Jean-Claude HUGUES - «La crémation et ses risques por l’antropologie chrétienne», in *La Maison-Dieu*, 213 (1998) 81.

Paulo: ed. Paulinas, 1992; Hugues Jean-Claude, Philippe Ariés, Pedro Farnes, de entre outros autores com textos publicados na revista *La Maison-Dieu*. Por vezes, recorreremos a importantes documentos da doutrina da Igreja sobre a liturgia dos mortos.

No primeiro capítulo, começaremos por definir o sentido de “exéquias” e veremos a sua dimensão eclesial. Nele debruçar-nos-emos sobre aspectos concretos, tais como, os banquetes funerários, atitudes e manifestações de pesar, a cremação, as catacumbas e o enfeito dos cemitérios como uma realidade da cultura portuguesa que se espalhou por muitas partes do mundo. Posteriormente, na linha de interpretação do sentido das exéquias, veremos a relação entre o sacramento e o sacramental. Numa segunda parte deste primeiro capítulo, vamos percorrer alguns rituais, que proliferaram desde os primeiros séculos até aos nossos dias, cada vez mais perfeitos e com mais sentido de uma verdadeira liturgia dos mortos. No entanto, teremos em conta os acréscimos e alterações que vieram sofrendo a partir do concílio Vaticano II, sobretudo com a inserção do ritual das exéquias das crianças. A última edição que seguimos neste trabalho, datada do ano 2005, apresenta-nos um acrescento de dois novos capítulos, sendo o primeiro capítulo, com orações para antes das exéquias, ou seja, o momento da morte, a colocação do corpo no féretro e uma vigília pelo defunto, depois o capítulo V, que responde a uma necessidade pastoral nova: a celebração das exéquias no caso de cremação do cadáver.

O segundo capítulo versará sobre o “*ordo exsequiarum*” de 1969, ritual das exéquias, renovado e aconselhado pelo Vaticano II. Veremos quais as motivações que levaram a Igreja à revisão do ritual, focaremos a estrutura por ele proposta, as novidades concretas que se nos apresenta e examinaremos a linguagem, os sinais simbólicos e os ritos que nos propõe. Assim, a linguagem verbal (monições, salmos, leituras, orações) e a linguagem não-verbal (Bíblia, cruz, círio pascal ou velas, água benta, incenso) são realidades que preenchem um ritual repleto de significado.

Finalmente, no terceiro capítulo, desenvolveremos o sentido pascal da morte. A morte será o fim desta vida, mas a continuação de uma vivência na terra da promessa de que tanto nos fala o Antigo Testamento. Enfim, uma realidade de uma verdadeira vida extra terrena, uma cidadania celeste, promessa realizada pelo ritual do Baptismo. Pois, pela participação no mistério pascal de Cristo, temos a certeza de que a união, aparentemente interrompida pela morte, como pensam alguns, será definitivamente alcançada em comunhão íntima com Deus. Acrescentaremos a este último capítulo algumas perspectivas pastorais e procuraremos responder a questões como: como acolher? Como pregar? Que pessoas aparecem nos funerais? Etc.

A nova edição do ritual das exéquias que data de 2005, editada pela Conferência Episcopal Portuguesa, envolve a administração do viático, que, nas edições anteriores, estava separada. No entanto, não nos cingiremos muito a esta matéria, apenas referiremos um ou outro aspecto que julgamos ser digno de realce. Portanto, o nosso trabalho focará a liturgia das exéquias, começando pelos ritos de acompanhamento, no momento da morte, até ao rito de sepultamento. Ademais, para não sermos extensos, descreveremos os costumes ocidentais, concretamente os romanos, ainda que reconheçamos haver, nas Igrejas Orientais, rituais bastante sugestivos e diversificados para a celebração do funeral.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DOS RITUAIS ROMANOS DOS FUNERAIS

Neste capítulo, procuraremos, em linhas gerais, apresentar as grandes etapas da formação e da evolução do ritual cristão da morte e das exéquias. Limitaremos a nossa pesquisa ao estudo do ritual romano, o qual, no decorrer dos tempos e de forma progressiva, tornou-se o ritual comum da Igreja do rito latino. Embora nos detenhamos mais nestes ritos ocidentais, não negamos a existência de outros ritos influenciados pelas tradições orientais e isso faz-nos afirmar, categoricamente, que o ritual romano não é o único discurso litúrgico sobre a morte⁵.

Dividiremos o nosso capítulo em duas partes: reservaremos a primeira para falar sobre as exéquias como uma realidade eclesial e um sacramental. Começaremos por definir o conceito, para depois olharmos o modo como são vividas as exéquias entre os cristãos. Ainda nesta primeira parte, procuraremos desenvolver a relação existente entre o sacramento propriamente dito e os sacramentais. Assim, perceberemos melhor que este rito que nos propomos estudar faz parte dos sacramentais e, como todos os outros, concorre para a

⁵ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, ed. H. Scicolone - A. Nocent – M. Augé (et al), São Paulo: Edições Paulinas, 1993, p. 235.

santificação da vida cristã. Na segunda parte, entraremos concretamente no historial dos rituais romanos dos funerais e desenvolveremos o percurso que estes tomaram até ao novo ritual, hoje em uso.

Em todos os povos e culturas se cuidou sempre, com ritos variados e expressivos, do acompanhamento dos que falecem, e, depois, da sua recordação e veneração. Tais ritos têm a intenção de:

«Honrar e muitas vezes proteger o corpo do morto, acompanhar o defunto na sua passagem deste mundo terrestre e conhecido para um subterrâneo ou celeste do qual ninguém tem experiência, enfim, de exprimir ou inspirar os sentimentos e as reações de uma família ou de uma comunidade humana diante da morte e do desaparecimento progressivo de um dos seus membros»⁶.

Os cristãos, ao princípio, imitaram os usos dos judeus e dos vários povos. A primeira notícia temo-la à volta do protomártir Estêvão, como se lê nos Actos dos Apóstolos: «Homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram por ele grandes lamentações» (Act. 8, 2). Mas a novidade era a esperança pascal, desde que Jesus Cristo iluminou o mistério da morte com a sua própria experiência: «Não vos contristeis como os outros, que não têm esperança. Se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, do mesmo modo, Deus levará com Jesus os que em Jesus tiverem morrido» (1Ts 4, 13-14).

⁶ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 227.

I. Definição de “Exéquias”

Exéquias são honras prestadas a um defunto, perante o seu cadáver⁷. Etimologicamente, o termo exéquias, «do latim “*ex-sequi, ex-sequiae*”, seguir, acompanhar, são uma série de ritos e orações com que a comunidade cristã acompanha os seus defuntos e os encomenda à bondade de Deus»⁸. Exéquias eclesásticas são, pois, actos de culto público da Igreja, quer dizer, actos litúrgicos. Existem outras duas: a intercessão espiritual pelo falecido, fundamentalmente para que fique livre da ‘pena temporal’, porventura ainda devida por seus pecados; e o consolo da esperança dos vivos, pois em toda celebração das exéquias há uma celebração do mistério pascal de Cristo.

Como lemos no ritual das exéquias:

«Nas exéquias, a Igreja pede que os seus filhos, incorporados pelo Baptismo em Cristo morto e ressuscitado, com Ele passem da morte à vida e, devidamente, purificados na alma, sejam associados aos santos e eleitos no Céu, enquanto o corpo aguarda a bem-aventurada esperança da vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos»⁹.

Portanto, como diria Pedro Farnes, no seu artigo *Ritual de Exequias, nueva edición para Espana*, «as exéquias cristãs representam para a Igreja como uma manifestação culminante da sua fé e um anúncio gozoso do seu “Evangelho” proclamado no mundo com

⁷ Cf. Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 3, p. 9.

⁸ José ALDAZÁBAL - *Vocabulário básico de liturgia*, Biblioteca litúrgica 3, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1996, p. 148.

⁹ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 1, p. 9.

valentia e optimismo»¹⁰. No momento da morte, muitas são as famílias que recorrem à Igreja para pedir um rito. Esses pedidos, no entanto, nem sempre estão imbuídos de fé.

«Se a liturgia pode responder aos pedidos ambíguos de uma necessidade de ritual, de procura do sagrado ou simplesmente de respeito da vontade do defunto, ela (a liturgia) é também um caminho privilegiado da proposição da fé, tal como é o serviço (*diakonia*) e o anúncio do Evangelho (*marturia*)»¹¹.

Notamos, então, a importância das exéquias, por um lado, porque reconforta a família enlutada e, dando-lhe esperanças, ensina-a a aceitar a morte do seu ente querido com naturalidade, tendo sempre em conta que é preciso perder a vida para a ganhar em plenitude e, por outro lado, a certeza de que o defunto ressuscitará com Cristo, como todos nós um dia. Eis, então, a missão da Igreja: fazer perceber que a morte não é o fim de tudo, mas o princípio de uma vida sem fim. Vejamos a dimensão eclesial da celebração das exéquias.

1. Dimensão eclesial da celebração das exéquias

A morte, conforme o ensinamento da Sagrada Escritura, é sono passageiro, do qual havemos de despertar para a ressurreição final. Os lugares destinados à sepultura eram chamados cemitérios, palavra que, na sua origem grega, significa dormitório. Note-se que aqui a morte não é vista como o fim de tudo, mas o princípio de uma vida nova na qual seremos configurados com Cristo pelo mistério pascal. Nisto consiste a missão da Igreja: ser fonte de esperança:

¹⁰ Pedro FARNES - «Ritual de Exéquias, nueva edición para Espana», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, p. 17.

¹¹ Isabel LECOINTE - «Rituel des funérailles et proposition de la foi», in *La Maison-Dieu*, 257 (2009) 29.

«Por isso, a Igreja oferece pelos defuntos o Sacrifício Eucarístico, memorial da Páscoa de Cristo, eleva orações e faz sufrágios por eles, para que, pela comunhão de todos os membros de Cristo, todos aproveitem os frutos desta liturgia: auxílio espiritual para os defuntos, consolação e esperança para os que choram a morte»¹².

A celebração das exéquias é uma celebração da Igreja. Por isso, devem observar-se as leis litúrgicas¹³, seguindo no espírito e na letra, o prescrito no ritual da celebração das exéquias. Visto desta forma, sublinhamos a importância das celebrações das exéquias, tendo sempre uma visão positiva do momento que se está a viver, sem formas de exibicionismo vão. É justo que se dê a devida honra aos corpos dos fiéis defuntos que, pelo Baptismo, tornaram-se templos do Espírito Santo. Não obstante, perante algumas circunstâncias em que isso seja impossível, convém que entre a morte e a sepultura, se afirme na vida eterna e se façam orações de sufrágio, tendo em conta os costumes locais, como se lê na *Sacrosanctum Concilium*: «O rito das exéquias exprima mais claramente o sentido da morte cristã. Adapte-se mais o rito às condições e tradições das várias regiões, mesmo na cor litúrgica»¹⁴.

2. Banquetes funerários

Os banquetes funerários eram bem visíveis, quer no meio pagão, quer na sociedade cristã, «pois, em todo o lado, os ritos de sepultamento exigiam uma solenidade no dia dos funerais e nos dias de aniversário de falecimento ou inumação»¹⁵. Assim, na antiguidade,

¹² Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 1, p. 9.

¹³ Cf. Código de Direito Canônico, *Codex Iuris Canonici*, Promulgado por S. S. O Papa João Paulo II, Textos Latino e Versão Portuguesa, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983, cânone 1176 & 2.

¹⁴ *Sacrosanctum Concilium* – «Constituição sobre a Sagrada Liturgia», in *Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios*, 10ª edição, Braga: editorial A. O, 1987, n. 81, p. 30.

¹⁵ H. LECLERCQ - «Catacombes», in *Dictionario d'archéologie chrétienne et de liturgie*, ed. Fernand CABROL, tome deuxième, 2eme partie (II/2), Paris: Letouzey et Áne editeurs, 1910, p. 2377.

sobretudo entre os pagãos, tinha-se a convicção de que os defuntos, no além, tinham uma vida obscura, mas em tudo semelhante à que tinham experimentado durante a existência terrena. Seja pelo mal da putrefação do cadáver, seja pela inexplicável razão para o desaparecimento repentino da força motora do corpo, o morto foi ganhando o seu espaço e dedicação no mundo dos vivos. Muitos povos, mesmo não compreendendo o motivo da perda da actividade motora, sabiam que se tratava de um novo estágio do corpo. Então, alimentavam a crença que tinham tido em vida. Fruto disso, é que quando alguém morria, procurava-se quanto possível colocar no caixão do falecido os principais objectos de trabalho. Ainda hoje, entre alguns povos, se regista esta prática.

Ainda, no mundo pagão, presta-se especial atenção ao falecido, velando para que não falte alimentação, pois o defunto também come e deve sustentar a sua existência no além-túmulo¹⁶. Para suavizar a solidão desta existência, todos aqueles que eram queridos do falecido faziam questão de visitar o túmulo com frequência, mas especialmente no aniversário do nascimento, da morte e noutras datas importantes. Nestes precisos dias, os familiares banqueteavam-se, mas sempre evitando dizer algo que pudesse ofender ou melindrar o morto, conforme no-lo diz a máxima latina, segunda a qual “*de mortuis nihil nise bonum*”, traduzido em português: “dos que morreram só se deve dizer bem”. Outro dado, não menos importante, é que, segundo a crença corrente, não havia diferença entre os vivos e os mortos. Daí, estes últimos tomarem parte da refeição com os convivas. Para os familiares com grandes posses, os seus túmulos eram autênticos luxos, compostos por uma cozinha e uma sala de jantar. Todos estes costumes eram uma realidade visível no seio da cultura greco-romana, algo que tinha sido recebido por outras civilizações mais antigas.

¹⁶ Cf. Thiago Nicolau ARAÚJO - *Túmulos celebrativos do Rio Grande do Sul: múltiplos olhares sobre o espaço cemitério (1889 – 1930)*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 30.

Na sociedade cristã registou-se uma certa evolução no modo de sepultar os mortos. Os primeiros cristãos ficaram influenciados com o sepultamento que mereceu Jesus Cristo¹⁷, daí que, exceptuando a inceneração, estes aceitaram os hábitos e os costumes da sociedade a que pertenciam. Neste aspecto, até aos nossos dias, a Igreja procura ser respeitosa e inserir-se na vida e na cultura dos povos que evangeliza e, de forma catequética, procura ir corrigindo e cristianizando práticas que não condizem com a sua doutrina.

Quanto aos banquetes funerários, no seio dos cristãos, até ao século IV não há documentos claros que atestem ou não essa prática. No entanto, nos séculos posteriores ao que nos referimos, sobretudo a partir da paz concedida por Constantino, regista-se entre os cristãos vários abusos intoleráveis, segundo o atesta, por exemplo, Santo Agostinho, quando escreve, por outras palavras, que seria audácia querer alterar um costume que a Igreja de Cartago aceita, ou conservá-lo, se ela o abolir¹⁸.

Santo Agostinho foi preponderante nesta matéria e alertou a gravidade destes abusos, sem discordar com os convívios em honra dos mortos, desde que celebrados sem sumptuosidade e com modéstia, e se os pobres forem contemplados com esmolas. De tal modo foi importante esta intervenção de Santo Agostinho que o Concílio III de Cartago, no seu cânone 33, proibiu severamente os banquetes nas igrejas. No tratado de *Moribus Ecclesiae Catholicae*, deplorando os excessos da comida e bebida junto dos sepulcros, que pioravam cada vez mais, lemos: «Sei que muitos são adoradores dos sepulcros e das pinturas, sei que muitos bebem desregradamente sobre os mortos e, expondo iguarias diante dos cadáveres, eles mesmos se sepultam sobre os mortos, atribuindo os excessos de comida e de bebida à religião»¹⁹.

¹⁷ Cf. H. LECLERCQ - «Catacombes», in *Dictionario d'archéologie chrétienne et de liturgie*, ed. Fernand CABROL, tome deuxième, 2eme partie (II/2), Paris: Letouzey et Áne editeurs, 1910, pp. 2377-2378.

¹⁸ Cf. AURELII AUGUSTINI, *Epistola XXIII*, in PL 33, Paris: ed. J. P. Migne, 1865, pp. 94-98.

¹⁹ AURELII AUGUSTINI, *De Moribus Ecclesiae Catholicae*, in PL 32, Paris: ed. J. P. Migne, 1841, p. 1342.

De facto, sempre verificamos, com agrado, que os santos padres, no decorrer dos tempos, foram aperfeiçoando estes costumes, usuais entre povos antigos, até chegar ao bom senso, que hoje é apanágio de toda a humanidade.

3. Atitudes ou manifestações de pesar

Como atrás referimos, reza a história da Igreja que esta sempre respeitou as leis, instituições e costumes que não estavam em contradição com o Evangelho. A exemplo de Cristo que encarnou, assumindo a condição humana, menos o pecado, a Igreja não se excluiu da realidade dos povos, onde quer que esteja implantada. Portanto, neste espírito de aceitação e respeito, o cristianismo esteve atento relativamente ao culto dos mortos e costumes funerários, e, ainda hoje, permanece visível esse respeito pelos hábitos ancestrais das populações.

As cerimónias fúnebres não são exclusivas de hoje. Já no império romano, a morte e a sepultura eram rodeadas de minucioso cerimonial, que os costumes e até as leis obrigavam a cumprir rigorosamente. Nota-se então, e mais uma vez, o respeito pela tradição local, como aliás sublinha Santo Agostinho, no comentário que faz ao Evangelho segundo São João, em que refere a piedosa sepultura de Jesus por Nicodemos e José de Arimateia: «Não foi em vão que o Evangelista disse ‘segundo a maneira de sepultar usada entre os judeus’. Assim nos ensinou a sepultar os mortos conforme os costumes de cada povo»²⁰. Assim aconteceu no enterro de sua mãe, onde Santo Agostinho, no livro das Confissões, sublinha ter cumprido os moldes de sepultamento como naquele lugar era costume fazer²¹.

²⁰ AURELII AUGUSTINI, *In Joannis Evangelium*, in PL 35, Paris: ed. J. P. Migne, 1845, p. 1954.

²¹ Cf. SANTO AGOSTINHO – *Confissões*, Braga: editorial Apostolado de Imprensa, 12ª ed., 1990, pp. 222-224.

4. Um olhar sobre “cremação” ou “incineração” na história da Igreja

Há sinais que, entre os pagãos, a incineração ou cremação²² era praticada desde o final da idade de bronze. Os cristãos sempre preferiram a prática da inumação, por considerá-la mais conforme com a fé na ressurreição. Portanto,

«A tradição bíblica sempre refutou a incineração e preferiu a inumação, ainda que numerosas civilizações tenham retido e continuam a reter a prática da cremação nos seus processos funerários. O testemunho central é aquele do sepultamento de Jesus por José de Arimateia, reportado pelo Evangelho de S. João (19, 40-42). A comunidade cristã primitiva continuou, portanto, a prática da inumação acompanhada de ritos destinados a honrar o corpo do defunto»²³.

Percebe-se desta feita, que nos primeiros séculos, marcados pelas perseguições violentas, os cristãos sempre manifestaram o desacordo em relação às penas desumanidades, particularmente ao “castigo do corpo”, pena a que eram sujeitos, por serem discípulos de Jesus Cristo. Diz-nos Jean-Claude Hugues, nos documentos sobre os mártires, que havia uma grande vontade dos pagãos, em seguir, escrupulosamente, os cristãos pelo modo admirável como manifestavam a sua fé na ressurreição.

Já Santo Agostinho, que marcou muito a história da Igreja com os seus escritos, escrevia «não devemos desprezar nem destruir os corpos dos defuntos, sobretudo dos justos e dos fiéis, de que o Espírito Santo se serviu como órgão e vaso para todas as obras boas»²⁴. Tudo isto, o testemunha Santo Agostinho apoiado na Sagrada Escritura e, neste particular, pelo modo como Cristo foi sepultado.

²² Os termos “cremação” e “incineração” são sinónimos. O primeiro descreve o meio: o uso do fogo (de *cremare*, queimar). O segundo indica o efeito: a redução em cinzas (de *cineres*, cinzas). O ritual romano celebração das exéquias, qual usamos para este trabalho, aplica simplesmente o termo “cremação”.

²³ Jean-Claude HUGUES - «La crémation et ses risques por l’antropologie chrétienne», p. 83.

²⁴ AURELII AUGUSTINI, *De Civitate Dei I*, 13, in PL 41, Paris: ed. J. P. Migne, 1864, p. 27.

A realidade da inceneração, no meio ocidental cristão, teve pouca importância até meados do século XIX²⁵, momento em que se nota aumento radical de casos de inceneração na Europa. Perante esta situação que se vai espalhando da Europa para o resto do mundo, a Igreja é chamada a pronunciar-se e aí acrescenta no ritual de exéquias, promulgado em 1969, o que se pode ler:

«Àqueles que tiverem optado pela cremação do próprio cadáver pode conceder-se a possibilidade de celebrarem as Exéquias cristãs, a não ser que a sua decisão seja devida a razões contrárias à fé cristã. Estas Exéquias celebram-se segundo o esquema em uso na região, de tal maneira, porém, que não se esconda a preferência da Igreja pela sepultura dos corpos, como o próprio Senhor quis ser sepultado, e deve-se evitar o perigo de escândalo ou estranheza por parte dos fiéis. Neste caso, os ritos previstos para a capela do cemitério ou junto da sepultura podem realizar-se na própria sala crematória, se não houver outro lugar apto, evitando com a devida prudência todo o perigo de escândalo e de indiferentismo religioso»²⁶.

Com esta nota, está claro que a incineração, em si mesma, não tem nada de intrinsecamente contrário à fé, «desde que não constitua gesto anticristão»²⁷. A cremação como técnica de destruição do corpo, não pode ser confrontada com qualquer dogma, especialmente ao concernente à ressurreição da carne. Se a Igreja assim pensasse, poria em questão os seus mártires que em tempos de perseguição foram queimados ou devorados pelos leões. A igreja acredita na ressurreição, seja qual for a crença do defunto no que se refere ao após a sua morte, daí não colocar obstáculos a esta realidade que hoje tende a ser mais preferida. No entanto, a Igreja, não deixa de apelar a que se guarde o corpo e se o coloque na

²⁵ Cf. Jean-Claude HUGUES - «La crémation et ses risques por l'antropologie chrétienne», p. 84.

²⁶ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 16, p. 13.

²⁷ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 248.

terra, de onde veio (Gn 2, 7; 3, 19)²⁸. Assim, evoca o *credo*, que em nenhum momento fala de cremação, mas sim proclama a morte de Cristo e o seu sepultamento, para depois ressuscitar de entre os mortos. Eis o grande mistério que todos somos chamados a saborear, cada um a seu tempo.

Toda a teologia da igreja em relação à morte, passa por Cristo que experimentou a morte e, como diria S. Paulo, “pelo baptismo sepultamo-nos juntamente com Ele para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, mediante a gloria do Pai, assim caminhemos nós também numa vida nova.” (Rm 6, 4). Por isso, pois sendo ela pascal, a liturgia das exéquias reúne, nos elementos maiores que se notam na liturgia da baptimo, água, luz, incenso. Com isto, os defuntos cristãos, que a Igreja acompanha, completaram sua páscoa em Cristo: o que lhes foi dado no baptismo, a vida de Deus na vida desde mundo, chega ao seu fim no além, depois da última purificação, isto é, a vida do homem na presença de Deus. Neste caso, o que vai ser posto no túmulo, já lá esteve no mistério sacramental da iniciação cristã. Seu funeral realiza-se na esperança da ressurreição, da qual ele participa já, de certa maneira, a partir do momento em que foi associado à ressurreição de Cristo na hora do seu baptismo²⁹.

Philippe Rouillard, não desmentindo a justificação sobre a causa da preferência da inumação em relação a cremação, que passa pelo exemplo de Jesus Cristo que quis ser sepultado, afirma não ser suficiente este argumento, ou até mesmo de pouco valor, pois de um lado sabemos que Cristo não foi colocado na terra, mas “em sepulcro cavado na rocha” (Lc 23, 53), e também sabemos que Cristo não devia “voltar à terra”, porém, ao contrário, ressurgir ao terceiro dia, sem haver sofrido a decomposição física³⁰.

²⁸ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funeraris», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 248.

²⁹ Cf. Jean-Claude HUGUES - «La crémation et ses risques por l’antropologie chrétienne», p. 89.

³⁰ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funeraris», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 248.

Uma outra razão pela qual a Igreja, mesmo não estando contra a cremação, pauta pela inumação, passa pela antropologia cristã. Partindo do modo como Cristo foi sepultado, a Igreja quer sublinhar certas dimensões profundas da pessoa humana. Todo o tipo de ritos concernentes a funerais, deve antes de mais permitir que a dignidade humana esteja acima de tudo, na sua vida, na sua morte e ao além morte. A Igreja lembra que a vida vem de Deus e, pelo baptismo, o nosso corpo é templo do Espírito Santo (1Co 6, 19; 3, 16; Rm 8, 11); que o nosso corpo não é simples matéria, por isso mesmo afirma o *credo*: «creio... na ressurreição da carne»³¹.

Mas há outra razão antropológica que podemos chamar universal, a qual, sem ser propriamente reservada aos cristãos, não é de tudo diferente da ressonância teológica. O aumento do número de pedidos de cremação, leva-nos a repensar sobre a concepção humana e o seu corpo. Fazê-lo desaparecer assim do nada e reduzi-lo a cinzas, pode levar-nos a reduzir a pessoa a uma “coisa”, quando ele é um ser corporal e espiritual. Muitas vezes, este modo de fazer desaparecer o corpo humano, não ajuda aos que ficam no processo do luto, pois a partir do momento em que as cinzas são dispersas não é possível recolhê-las em uma campa para lembrar esse ente querido. Portanto, essa prática de inceneração, mais tarde ou mais cedo, levará ao desaparecimento dos cemitérios como lugar de memória social e como uma necessária imagem da sucessão de gerações, pelo menos na nossa civilização. Compreende-se, assim, a posição da Igreja em relação a esta prática³².

O ritual, no seu texto, parece supor que as exéquias sejam antes da cremação, senão vejamos: «o facto da cremação do cadáver não comporta por si particulares diferenças rituais, uma vez que as exéquias, no caso de cremação, se celebram perante o cadáver, antes da

³¹ Jean-Claude HUGUES - «La crémation et ses risques por l’antropologie chrétienne», p. 89.

³² Cf. Jean-Claude HUGUES - «La crémation et ses risques por l’antropologie chrétienne», pp. 89-90.

cremação do corpo, e com os mesmos ritos e fórmulas que se usam nas exéquias habituais»³³. De facto, enquanto acção ritual e simbólica parece mais natural celebrá-la diante de um corpo que foi templo do Espírito Santo do que diante de suas cinzas. Em todos os casos, não é contra a natureza da liturgia cristã uma celebração da incineração. A Santa Sé já deu essa permissão para as Conferências Episcopais.

Nunca é demais lembrar que, também nas exéquias com cremação, deve pôr-se em realce o sentido pascal da morte cristã. O fogo³⁴ sempre teve um sentido de purificação dos pecados (Is 6, 7) e pode, neste caso, ter também o sentido de oferta pascal do próprio corpo que, pelo Baptismo, já foi ofertado e consagrado ao Senhor pelo fogo do Espírito Santo.

Tudo quando foi dito sobre a cremação, leva-nos à conclusão de que hoje o problema da cremação não é um problema de religião, mas sim um problema simplesmente humano, um problema (para os que não têm fé) de ritualismo simbólico da morte. A cremação faz desaparecer os ritos de passagem na nossa sociedade. Daí que o ritual nestas situações tenha diversas funções, de entre elas, aquelas que cita Daniëlle Hervieu-Léger, por outras palavras: objectivar a situação, procurando um certo equilíbrio entre a personalização e a despersonalização; nesta objectivação, aquele que preside a cerimónia tem um papel capital, que não seja um mero tecnicismo, mas sim um papel decisivo porque ele se torna responsável por organizar as diferentes etapas das operações acima referidas; para isso, ele deverá ser eficaz e saber gerir o tempo da cerimónia para que este não seja nem longo nem curto³⁵.

³³ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 150, p. 167.

³⁴ Hervieu-Léger Daniëlle no seu artigo *“la crémation, socialisation e rite”*, expõe a questão da simbologia do fogo e questiona-se com relação à presença ou não da família no momento da cremação ou se é preciso uma simbologia do fogo no ritual da cremação. Para este autor, uma tentativa de simbolização do fogo comporta um risco de fechamento do rito sobre esta operação técnica, enquanto o objectivo é distanciar-se da realidade. (Cf. DANIËLE HERVIEU-LÉGER - «Crémation, Socialization et rite» in *La Maison-Dieu*, 213 (1998) 66).

³⁵ Cf. Daniëlle HERVIEU-LÉGER - «Crémation, Socialization et rite», p. 64.

5. As Catacumbas

Catacumbas³⁶ são cemitérios subterrâneos cavados pelos cristãos. Este termo aplica-se primitivamente a um cemitério que se situa não longe de Roma, ao longo da via Ápia³⁷. A história das catacumbas remonta, no dizer de Henri Leclercq, por volta do ano 258, quando os cristãos decidiram transferir os corpos dos príncipes dos apóstolos da zona do Vaticano e da via Ostie, onde estavam expostos correndo o perigo de serem saqueados pelos perseguidores dos cristãos e levados para um pequeno cemitério *ad catacumbas*³⁸. Este cemitério era na idade média o único acessível para os peregrinos. Foi em meio a estas realidades que os cemitérios subterrâneos passaram a ser chamados “catacumbas”, nome usado pela primeira vez, com sentido moderno, no século IX, em Nápoles³⁹. A etimologia do termo é incerta e, no dizer de Leclercq, a extensão abusiva do termo catacumba a todos os cemitérios cristãos subterrâneos fez deturpar a história, chegando-se a falar da igreja das catacumbas ou a idade das catacumbas, expressões desprovidas de fundamentos históricos, pois não existe nenhuma relação cronológica entre a utilização das catacumbas e o período das perseguições⁴⁰.

Um dos grandes problemas vindos do cristianismo, em relação a estas catacumbas, é o facto de que à partida os cristãos não são os mentores, pois, segundo Henri Leclercq, «em Roma e em muitas cidades latinas havia a prática, antes do exemplo dos cristãos, de

³⁶ Não pretendemos fazer um estudo pormenorizado sobre as catacumbas, pois o nosso trabalho centra-se mais no ritual renovado das exéquias. No entanto queremos acenar alguns pontos essenciais, muito ficando por ser dito e, para isso, apelamos a leitura do texto que nos propõe Henri Leclercq, nas entradas sobre “as catacumbas”, sobre “a arte das catacumbas” e sobre “os cemitérios ad catacumbas”, publicados no *Dicionario d’archéologie chrétienne et de liturgie*, ed. Fernand CABROL, tome deuxième, 2eme partie (II/2), Paris: Letouzey et Áne editeurs, 1910, pp. 2376-2450/2450-2486/2487-2510, respectivamente.

³⁷ Cf. H. LECLERCQ. - «Catacombes», in *Dicionario d’archéologie chrétienne et de liturgie*, ed. Fernand CABROL, tome deuxième, 2eme partie (II/2), Paris: Letouzey et Áne editeurs, 1910, p. 2376

³⁸ «Entre os lugares emblemáticos e Célebres de Roma subterrânea encontra-se um dos cemitérios situado ao longo da via Ápia. Esta cripta, baptizada hoje com o nome de S. Sebastião tinha primitivamente e exclusivamente o nome de cemitério ad catacumbas» (Cf. LECLERCQ, H. - «Cimetière ad Catacombes», in *Dicionario d’archéologie chrétienne et de liturgie*, ed. Fernand CABROL, tome deuxième, 2eme partie (II/2), Paris: Letouzey et Áne editeurs, 1910, p. 2487).

³⁹ Cf. H. LECLERCQ - «Catacombes», in *Dicionario d’archéologie chrétienne et de liturgie*, ed. Fernand CABROL, tome deuxième, 2eme partie (II/2), Paris: Letouzey et Áne editeurs, 1910, p. 2377.

⁴⁰ Cf. H. LECLERCQ - «Catacombes», in *Dicionario d’archéologie chrétienne et de liturgie*, p. 2377.

escavação nas pedras, nos tufos, quartos retangulares»⁴¹, é que os cristãos não reaproveitavam o túmulo mais de uma vez, trazendo um problema especial – em pouco tempo não haveriam mais espaços a céu aberto para edificar novos cemitérios. Além disso, os cristãos tinham horror à cremação dos corpos, o que colaborou para que aceitassem a ideia de usar as catacumbas como sepulturas.

A sua estrutura consistia na forma de uns labirintos subterrâneos e chegavam a atingir quilómetros. Em seus muros eram cavados os fossários, compostos por vários nichos de formato rectangular.

Historicamente, apesar de as catacumbas serem associadas à era de Cristo, actualmente acredita-se ser isso pouco provável, pois não há documentos que provem o seu uso, como refúgio para os cristãos que eram perseguidos antes da promulgação do Édito de Milão⁴². No entanto, não se pode negar que, durante algum tempo, as catacumbas tenham sido lugar de oração para os cristãos que, como lemos, esquematizavam os seus túmulos, criando um bom ambiente artístico-religioso, de modo a dar espaço para os que lá se dirigiam numa atitude de oração.

Os muros são envolvidos em arte cristã, inspirada pela visão cristã da morte e dos rituais que a envolvem, além da crença na eternidade existencial pós-morte⁴³. Esta arte, conhecida por “arte funerária”⁴⁴, encontrou sua expressão mais completa e poderosa na pintura. É importante notar que, no princípio, esta arte seguia os modelos judaicos e pouco a pouco foi se distanciando destes, adequando espontaneamente a sua arte aos acontecimentos

⁴¹ H. LECLERCQ - «Catacombes», in *Dictionario d'archéologie chrétienne et de liturgie*, p. 2378.

⁴² O Édito de Milão instituiu a tolerância ao cristianismo dentro do Império Romano. A improbabilidade dita neste parágrafo, é atestado por Henri Heclercq, no dicionário por nós citado, na página 2383.

⁴³ Cf. H. LECLERCQ - «Art des Catacombes», in *Dictionario d'archéologie chrétienne et de liturgie*, ed. Fernand CABROL, tome deuxième, 2eme partie (II/2), Paris: Letouzey et Âne editeurs, 1910, p. 2450.

⁴⁴ Cf. H. LECLERCQ - «Art des Catacombes», in *Dictionario d'archéologie chrétienne et de liturgie*, p. 2452.

da época. De certa forma, não se pode negar uma ligação da arte pagã com a arte cristã.⁴⁵ Actualmente alguns desses ambientes podem ser visitados por turistas e, normalmente, estão localizados junto às estradas longas, como a Via Ápia, em Roma. Nesta via está localizada a mais famosa e mais procurada catacumba de São Calisto no centro de Roma.

Existem, actualmente, pelo menos 40 catacumbas conhecidas na cidade de Roma e, como citamos anteriormente, sempre localizadas em vias famosas. No entanto, perto dessas estradas, não é permitida a circulação de carros, pois existem riscos de desmoronamento.

6. Os Cemitérios

Para melhor entender a história dos cemitérios, urge reflectirmos acerca da evolução da concepção da morte que nortearam as práticas de enterro, desde os primórdios da humanidade. É a partir de uma determinada crença sobre a morte que justifica o destino que os vivos darão aos mortos.

Segundo Lewis Mumford, na sua obra, *“A cidade na história: suas origens, transformações e Perspectivas”* a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos, uma vez que, em meio às andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo colectivo. O que podemos tirar disso é que, desde os primórdios da humanidade, a preocupação com o “lugar do morto” já se mostrava presente⁴⁶.

No período Neolítico, os cadáveres eram colocados em cavernas naturais onde a entrada era fechada por uma rocha. «Eis as primeiras sepulturas dos povos neolíticos as quais não tardam a sofrer numerosas variantes, segundo o grau de civilização de cada grupo ou

⁴⁵ Cf. H. LECLERCQ - «Art des Catacombes», in *Diccionario d'archéologie chrétienne et de liturgie*, p. 2453.

⁴⁶ Cf. Lewis MUMFORD - *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. Trad. Neil R. da Silva, 4ª Edição, São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 13.

tribo, segundo os climas e a constituição geológica do terreno ocupado»⁴⁷. Mas as cavernas não davam conta dos mortos, então passaram a construir sepulturas artificiais.

A partir destas asserções, é fácil perceber que os primeiros seres humanos já demonstravam um certo respeito pelos seus mortos, reservando-lhes um lugar adequado para eles.

Segundo Araújo⁴⁸, os cemitérios similares aos que vemos hoje só surgem em plena Idade Média, quando os mortos passam a lotar as dependências da Igreja e o seu redor. A Igreja será quem primará em preservar os túmulos, o que fará com que o cemitério se contrua em seu redor, conforme cita Schmitt: «(...) o cemitério é cercado por um muro, sobre o qual o bispo, quando de suas visitas paroquiais, lembra constantemente a necessidade de conservá-lo para separar o espaço sagrado do espaço profano e impedir os animais de vagar entre as sepulturas»⁴⁹.

O cemitério é um lugar de memória que permite não somente aos familiares lembrarem-se dos seus entes queridos, mas também à sociedade tornar presente a continuidade das gerações através de desaparecimento dos seus membros, de uma maneira verdadeiramente visível de a simbolizar⁵⁰. Esta ideia, apresentada por Hervieu-Léger Danièle, põe em causa aqueles casos em que se opta pela cremação e conseqüentemente a dispersão das cinzas.

Apesar dos problemas do urbanismo moderno, a Igreja, onde for possível, continua manifestando o desejo de que os cemitérios lhe sejam próprios, ou que se tenha, ao menos,

⁴⁷ Manoel Pereira da CRUZ - *Cemitérios. Dissertação (Mestrado em Medicina)*. Porto: Escola Médico-cirúrgica, 1882, p. 10.

⁴⁸ Cf. Thiago Nicolau de ARAÚJO - *Túmulos celebrativos do Rio Grande do Sul: múltiplos olhares sobre o espaço cemitério (1889-1930)*, p. 36.

⁴⁹ Jean Claude SCHMITT - *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Trad.: Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 204.

⁵⁰ Cf. Danièle HERVIEU-LÉGER - «Crémation, Socialization et rite» in *La Maison-Dieu*, 213 (1998) 67.

um espaço reservado nos cemitérios civis para a sepultura de seus fiéis, espaços estes que receberiam uma bênção. Quando tal não é possível, benze-se cada túmulo individualmente por ocasião do sepultamento.

II. Relação Sacramento e Sacramentais

Sacramentos são, na dimensão da visibilidade histórica, uma manifestação concreta do acto de salvação celeste de Cristo. São este mesmo acto salvífico enquanto se dirige a nós, e acto pessoal do Senhor em visibilidade e manifestação terrestre. Segundo S. Tomás: «Cristo, Ele mesmo completou todos os sacramentos»⁵¹. E mais: sacramentos são a tradição visível, terrestre, do mistério do culto santificador de Cristo. «O que era visível em Cristo passou para os sacramentos da Igreja»⁵².

Importa frisar esta nota, segundo a qual, estes sacramentos são realidades que se vivem concretamente na Igreja, ou seja, enquanto manifestações terrestres de Cristo glorificado, pois os sacramentos são estes mistérios de culto santificante vivido na Igreja.

Todos os sacramentos existem, como o afirma S. Tomás, na *Summa Teológica*, questão sessenta, em ordem à santificação do homem, por isso, eles existem desde o nosso nascimento até à nossa morte; eles acompanham o evoluir do ser humano.

Por sua vez, os sacramentais são sinais sagrados, à imitação dos sacramentos, que significam e obtêm efeitos espirituais por intercessão da Igreja⁵³. Os sacramentais não conferem a graça do Espírito Santo à maneira dos sacramentos; mas, pela oração da Igreja, preparam para receber a graça e dispõem para cooperar com ela. Portanto, a liturgia dos

⁵¹ E. H. SCHILLEBEECKX - *Le Christ Sacrament de la reencontre de Dieu*, Paris: Cerf, 1997, p. 56, nota 2.

⁵² E. H. SCHILLEBEECKX - *Le Christ Sacrament de la reencontre de Dieu*, Paris: Cerf, 1997, p. 57.

⁵³ Cf. Código de Direito Canônico, *Codex Iuris Canonici*, Promulgado por S. S. O Papa João Paulo II, Textos Latino e Versão Portuguesa, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983, Cân. 1166.

sacramentos e sacramentais oferece aos fiéis a possibilidade de santificarem quase todos os acontecimentos da vida por meio da graça divina que deriva do mistério pascal da paixão, morte e ressurreição de Cristo, mistério onde vão buscar a sua eficácia todos os sacramentos e sacramentais. E assim, quase não há uso honesto das coisas materiais que não possa reverter para este fim: a santificação dos homens e o louvor a Deus⁵⁴.

a) Os Sacramentais e a santificação da vida cristã

Diversamente dos sacramentos que foram instituídos por Cristo, os sacramentais são instituídos pela Igreja, como se lê:

«A santa mãe Igreja instituiu também os sacramentais. Estes são, à imitação dos sacramentos, sinais sagrados que significam realidades, sobretudo de ordem espiritual, e se obtêm pela oração da Igreja. Por meio deles dispõem-se os homens para a recepção do principal efeito dos sacramentos e santificam-se as várias circunstâncias da vida»⁵⁵.

Portanto, deste texto, pode-se perceber que os sacramentais são instituídos pela Igreja⁵⁶, ligados aos sacramentos e com uma semelhança intrínseca, expõem, isto é, predispoem o homem aos sacramentos, santificam as várias circunstâncias da vida do homem, vão buscar a sua essência no mistério de Cristo e estão dirigidos à santificação e ao louvor de Deus. Estes sacramentais distinguem-se dos sacramentos por serem irradiações ou prolongamentos destes e estão ligados a coisas e realidades concretas (água, óleo, círios, cruz,

⁵⁴ Cf. SC, n. 61, p. 27.

⁵⁵ SC, n. 60, p. 27.

⁵⁶ Só a Sé Apostólica pode estabelecer novos sacramentais ou interpretar autenticamente os já existentes, abolir ou alterar neles alguma coisa (Cân. 1167 & 1) e dado que as realidades sociais e culturais são tão diversas é deixado às Conferências Episcopais fazer as necessárias acomodações devendo, no entanto submetê-las à aprovação da Sé Apostólica (Cf. SC, n. 63, p. 27).

imagens...), mas também estão ligados a acções (exorcismos, bênçãos, dedicação de uma Igreja, consagrações, orações das horas...). A sua função é santificar as diferentes circunstâncias da vida, colocando toda a realidade humana dentro da economia da salvação. Quer comais, quer bebais, diz S. Paulo, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus (1 Cor 10, 31). E tudo o que fizerdes por palavras e obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando, por Ele, contínuas graças a Deus Pai (Col 3, 17).

b) Os Sacramentais e a cultura cristã

No confronto com o mundo secularizado, os sacramentais, como aliás a vida cristã, afirmam uma concepção do mundo entendido como criatura de Deus, onde o homem coopera com o seu Criador para levar à perfeição a obra criada, tornando assim a terra um lar mais digno para toda a família humana. Esta compreensão do crente, ao mesmo tempo que rompe com o secularismo e laicismo, também denuncia a compreensão mágico-supersticiosa do mundo e da vida: os sinais sacramentais não são instrumentos manipuladores da divindade para que realize a vontade do crente, mas oração da Igreja que abre a vida do crente à coerência da fé e o dispõe à realização da vontade de Deus. Para evitar qualquer ambiguidade, os ministros da Igreja, bem avisados pela segunda carta a Timóteo para rejeitarem as fábulas profanas e os contos de velhas (2 Tm 4, 7), devem discernir as rectas intenções e convenientes disposições dos que pedem a celebração dos sacramentais: para corrigir os erros e ensinar a verdade⁵⁷.

A Igreja considera as exéquias uma celebração litúrgica, e o acto litúrgico indica: a fé da Igreja é anterior e posterior à fé do indivíduo. Ao entrar na Igreja pelo Baptismo aceita-se

⁵⁷ Cf. SC, n. 11, p. 16; n. 61, p. 27.

essa realidade, bem como os limites da realidade material, a alteridade do outro, a cultura onde nascemos. Deixamos de pertencer a nós mesmos, começamos a sair do narcisismo.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, as exéquias não fazem parte nem dos sacramentos nem dos sacramentais. Eles são celebrações “parasacramentais”. Portanto, as exéquias têm em vista exprimir o carácter pascal da morte cristã. Anunciam à comunidade reunida a vida eterna, ao mesmo tempo que realçam o carácter de provisoriedade da vida aqui na terra⁵⁸.

III. História dos rituais romanos dos funerais

Abordaremos, entretanto, as grandes etapas de formação e evolução do ritual cristão da morte e das exéquias. Percorreremos o estudo em quatro etapas, a saber: dos ritos pagãos aos ritos cristãos; o Ritual romano do século VII; os Rituais romano-galicanos; o Ritual de 1614. Culminará o mesmo capítulo com uma introdução ao capítulo seguinte que versará, no entanto, sobre o “*ordo exsequiarum*” de 1969.

1. Dos ritos pagãos aos ritos cristãos

A história narra que nos séculos I e II, os cristãos eram enterrados em túmulos entre pagãos. No início do século III, com o crescimento dos cristãos, a Igreja de Roma organiza seus cemitérios em catacumbas. Alguns cristãos ricos usam sarcófagos de pedra. Neste século, «alguns testemunhos atestam a presença de um presbítero que reza uma oração»⁵⁹.

⁵⁸ Cf. Catecismo da Igreja Católica, Coimbra: Gráfica de Coimbra, n. 1684-1685, pg. 372.

⁵⁹ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 236

Já no século IV, em alguns casos, começa-se a celebrar a Eucaristia ao lado do túmulo depois da inumação. Pouco a pouco, a Eucaristia é celebrada na Igreja, substituindo o *refrigerium*: os cristãos compreendem que Cristo deixou uma refeição diferente, penhor de comunhão e ressurreição e esta “eucaristia funerária” pretende associar o trânsito do cristão ao mistério pascal de Cristo⁶⁰.

A literatura patristica apresenta-nos um leque de informações com relação ao desenvolvimento e história das exéquias, sobretudo em Roma e África, nos séculos III e IV⁶¹. «Em Roma e no Ocidente, por exemplo, os cristãos conservavam, para os funerais, os costumes próprios da sociedade da época, com algumas modificações inspiradas pela sua fé»⁶², manifestada por diversos modos: nas inscrições funerárias, no vestuário, opondo às vestes lúgubres o branco, cor da imortalidade; sobretudo na liturgia das exéquias em que a nota dominante é a fé na ressurreição, e não o luto.

A recepção do viático antes do defunto expirar, era, então, concedido a todos, desde aqueles que em vida tiveram uma sã convivência, até aos pecadores excomungados e ainda aos não reconciliados. O viático, tido como alimento necessário para fazer a “última viagem”, substituía a moeda que os gregos e romanos punham na boca do defunto para permitir que ele pagasse o pedágio do trânsito. Seguidamente a este rito, em clima de confiança na ressurreição e enquanto se cantavam os salmos, o corpo era lavado e perfumado⁶³.

Por algumas horas, vestido de túnica branca, o cadáver era colocado no leito, aguardando o sepultamento que, normalmente, era feito no mesmo dia, ou no dia seguinte, pela manhã. Na procissão, do leito ao lugar da sepultura, o corpo era coberto só com um lençol.

⁶⁰ Cf. Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 1, p. 9.

⁶¹ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 236.

⁶² Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, pp. 235-236.

⁶³ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 236.

Na Idade Média, sublinhou-se, no conjunto das exéquias, o aspecto lúgubre e trágico, com cânticos como o *Dies irae* ou *Libera me*, pondo ênfase ao mesmo tempo na intercessão pelos defuntos. O espírito dos funerais cristãos é profundamente diferente dos funerais pagãos. Por um lado, os cristãos não atribuem aos funerais, como os pagãos do mundo antigo, uma importância absolutamente decisiva para a sobrevivência do defunto; por outro lado, a certeza da salvação e da ressurreição dos mortos convida os cristãos a proclamar que Cristo venceu a morte e que a sua esperança e a sua alegria são mais fortes que o seu sofrimento.

2. O Ritual Romano no Século VII

O primeiro ritual romano da morte e exéquias de que se tem notícia remonta ao fim do século VII⁶⁴, e «caracteriza-se pela importância que dá ao carácter pascal da morte»⁶⁵. O esquema do ritual começava nos últimos momentos de vida, antes da morte do defunto⁶⁶. Assim, quando um cristão estava para morrer, recebia a Eucaristia que era penhor da ressurreição, depois o presbítero ou o diácono lia o relato da paixão e em seguida o canto do Salmo pascal de libertação (Sl 113)⁶⁷. Logo após a morte e a preparação do cadáver, cantava-se o Salmo 96, e depois era levado para Igreja onde não se celebrava a Eucaristia, mas um ofício que previa a recitação de alguns salmos e responsórios, e uma leitura do livro de Jó. Este rito inicial incluía também a recitação do Salmo 41 que exprime o desejo de ser admitido à presença de Deus.

Segundo o rito romano do século VII, após a celebração atrás referida, dentro da Igreja, o defunto era levado em procissão até à sepultura, e no trajecto cantava-se o Salmo 14, 50, 113 e 117. Claro que o ritual possui um evidente carácter pascal. Os salmos 113 e 117

⁶⁴ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 238.

⁶⁵ Damien SICARD - «Le rituel des funérailles dans la tradition», in *La Maison-Dieu*, 101 (1970) 34.

⁶⁶ Cf. Philippe ARIÈS - «La liturgie ancienne des funérailles», in *La Maison-Dieu*, 144 (1980) 51.

⁶⁷ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 238.

cantados no começo e no final da liturgia, são os mesmos cantados no começo e no fim da refeição pascal hebraica⁶⁸.

A celebração das exéquias é a celebração do êxodo pascal; o cortejo era a procissão que canta enquanto conduz de sua morada terrena para a Jerusalém Celeste. A comunidade acompanhava o trajecto o mais longe possível, e na chegada ele é acolhido por aqueles que já fizeram este trajecto, os habitantes do céu⁶⁹.

3. Os rituais romano-galicanos do século VIII-IX

Com a difusão da liturgia romana nos diversos países da Europa ocidental, esta vê-se influenciada por outras realidades culturais e integra alguns usos locais, dando, assim, origem a uma liturgia mista, conhecida não só pelos sacramentários gelasianos do século VIII, como o Sacramentário de Gellone e o Sacramentário de Rheinau, mas também pelo Sacramentário Gregoriano do século IX ou, ainda, pelos missais galicanos: *Missale Gothicum*, *Missale Gallicanum vetus*, *Missale Francorum*, *Missale Bobbiense*⁷⁰.

Todas as orações que figuram nestes missais e sacramentários contemporâneos ajudam a perceber as grandes linhas da teologia e da pastoral desde período em estudo. Nesta época o binómio de Deus - misericordioso e compassivo -, está bem presente⁷¹, mas a comunidade cristã não se sente segura a respeito da sorte eterna daquele que acabou de falecer e por isso pede a Deus que o acolha no seu paraíso, na sua morada celeste.

De notar que nesta época, a intercessão pelos defuntos se expressa em particular na celebração da Eucaristia. A Eucaristia se torna praxe quase por toda a parte, difundida no

⁶⁸ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 239.

⁶⁹ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 239.

⁷⁰ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 239.

⁷¹ Cf. Damien SICARD - «Le rituel des funérailles dans la tradition», in *La Maison-Dieu*, 101 (1970) 36.

Ocidente e constitui igualmente a parte central dos funerais cristãos. Interpreta-se esta missa pelos defuntos como sacrifício de propiciação e de sufrágio, como o afirma Philippe Rouillard: «trata-se de procurar que o defunto possa ser beneficiado pelos “méritos” adquirido com a celebração do santo sacrifício»⁷².

Visto desta forma, nota-se a razão pela qual, desde a Idade Média até meados do século passado, os cristãos, durante a missa pelos defuntos não comungarem, exceto o sacerdote, pois conforme acenamos, era para deixar à alma do defunto a totalidade dos “méritos” obtidos com tal missa. Nesta fase, a visão do além é bem mais tétrica e angustiante do que como se apresenta na liturgia romana autêntica, por isso há-de prestar-se atenção aos perigos

«A que se acha exposto o defunto na sua viagem para além da morte: antes de atingir o paraíso, ele deve evitar as insídias do trajecto, fugir das ciladas do diabo ou escapar do temível juízo que poderia condená-lo para sempre: “*non ergo eum tua quaesumus iudicialis sententia praemat...sed gratia tua illi succurrente mereatur euadere iudicium ultionis*” (Sacramentário Gregoriano, n° 1402)»⁷³.

Trata-se de uma invocação confiante na onipotência de Deus e pede-se-Lhe que acolha a alma do defunto no seu reino celeste, no paraíso, lugar de luz e repouso, que o acolha na sociedade dos anjos e dos santos, que o receba no seio de Abraão, fazendo do defunto um entre os membros da comunidade da Jerusalém celeste, pois a morada deste exílio terrestre já lhe foi desfeita, como vemos no prefácio dos defuntos⁷⁴.

⁷² Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 240.

⁷³ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 240.

⁷⁴ Cf. Prefácio dos fiéis defuntos I, in *Missal Romano Reformado por Decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o papa Paulo VI*, Gráfica de Coimbra, MCMXCII, 1992, p. 509.

No entanto, e ainda que de forma estranha, a teologia deste tempo, e isso vemos nos esquemas de orações encontrados no ritual desta época, não é cristológica nem pascal. Em toda a eucologia das exéquias e das missas pelos defuntos, Cristo quase nunca é mencionado, exceto na conclusão trinitária das orações. Toda a oração é dirigida a Deus, a um Deus único, deixando-se de lado o grande mistério do envio do Seu Filho para a salvação dos homens. E, estranhamente, pede-se a Deus para que faça chegar o defunto à ressurreição, sem no entanto fazer desta ressurreição uma participação na ressurreição de Cristo. Eis a concepção: «A bem-aventurança eterna consiste em encontrar-se na assembleia gloriosa dos anjos e dos santos, em ser acolhido entre os “coros angélicos”, mas não em compartilhar a sorte dos membros do corpo glorioso do Senhor ressuscitado»⁷⁵.

Outrossim, é a não invocação do Espírito Santo nas orações, ainda que em todas as orações se recorde a alma. Olhando para estas particularidades da época, fácil será concluir que «esta teologia do além parece quase toda inspirada no Antigo Testamento e pouco animada da boa nova do Evangelho»⁷⁶. Portanto, a liturgia latina dos séculos VIII-IX, não é nem cristológica nem pascal, situação que o Ritual e o Missal Romano publicado depois do Concílio Vaticano II procurou estudar e alterar.

É necessário fazer um confronto entre este ritual dos séculos VIII-IX e o anterior, do século VII, e embora sejam, na origem, de duas mentalidades e de duas teologias diferentes, eles encontrarão depois um modo de contaminar-se reciprocamente, nos rituais posteriores, concretamente no Ritual de 1614, sem destituir cada um a sua essência, divergência e ambiguidade. Ora, que diferenças podemos encontrar nos dois rituais?

Diz Philippe Rouillard, a respeito do ritual romano do século VII que este

⁷⁵ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 241.

⁷⁶ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 241.

«Acompanha o moribundo desde as horas que precedem a morte até ao sepultamento: a liturgia tem início à sua cabeceira, prossegue na igreja em atmosfera de oração ininterrupta e termina com o sepultamento. A comunidade cristã acompanha todo o homem – corpo e alma – na sua última viagem»⁷⁷.

Enquanto isso, diz o mesmo autor, em relação ao ritual dos séculos VIII-IX que:

«Foram sendo formados pouco a pouco nos mosteiros na época carolíngia e, posteriormente, passaram a ser utilizados por todos os cristãos. Inspirados por antropologia diferente, preocupam-se sobretudo com a alma do defunto, alma que já está agora livre da “prisão” do corpo, e da qual é preciso assegurar a salvação eterna. A liturgia fúnebre se concentra na celebração da missa ou de numerosas missas escalonadas no tempo pelo repouso da alma do defunto»⁷⁸.

Fica claro, então, que o ritual tal como o temos hoje sofreu diversas modificações, sobretudo na interpretação e sentido da morte. Cristo que outrora quase não era mencionado nas orações fúnebres é o que dá sentido à nossa vida e morte, pois Ele dignou-se assumir a nossa condição humana e de tal modo a viveu que aceitou a morte e morte de cruz, mas ao terceiro dia ressuscitou para nos levar consigo para a vida eterna.

4. O ritual romano de 1614

O Concílio de Trento deu-se ao trabalho de rever os rituais em uso até então e procurou dar-lhes outra roupagem sem tirar deles o essencial. É então que o papa Paulo V, em 1614, promulga o novo *Ritual Romanum*, que tinha sido preparado pormenorizadamente pelo

⁷⁷ PHILIPPE ROUILLARD – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 241.

⁷⁸ PHILIPPE ROUILLARD – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, pp. 241-242.

cardeal Santorio e pela sua equipa. Nesse novo ritual, no título VII lia-se *De exsequiis* (Sobre as exéquias)⁷⁹.

Este novo ritual revalorizou a procissão e o canto dos salmos. Os ritos tinham início na casa do defunto, para onde se dirigia o pároco ou o clero e de lá, seguia-se em procissão até à igreja, local onde era cantado o ofício dos defuntos ou pelo menos um noturno. Este momento era seguido da celebração da missa, exceto se o sepultamento decorresse no período da tarde. Era no final desta missa que se intercedia pelo defunto, rogando a Deus para que o livrasse de todas as imundícies. Este momento chamava-se momento de absolvição. Finalmente partia-se para a última procissão em direção ao cemitério, local onde se cantava o *Benedictus*, seguido de orações presididas pelo sacerdote que dava a última bênção, aspergindo o féretro com água benta, gesto repetido por todos os fiéis presentes.

No que diz respeito à teologia deste ritual romano de 1614, importa frisar o que nos é apresentado com certa ambiguidade. Senão vejamos:

«Por um lado, a maioria dessas orações, tiradas dos antigos sacramentários dos séculos VII-VIII, exprimem plena confiança na ressurreição e não fazem alusão alguma ao juízo particular e ao purgatório – crenças essas que se desenvolverão somente mais tarde –, por outro lado, o Ritual de 1614 inclui também orações que exprimem a incerteza e o terror diante da morte e à sorte da alma no além»⁸⁰.

Toda esta ambiguidade é notável no decorrer do ritual, onde as antigas, por não corresponderem à mentalidade do século XVII e da Contra-reforma, devem ser reinterpretadas no sentido da nova visão escatológica e, no ritual de 1614, não poucas são as orações que exprimem medo, diante da terrível perspectiva do juízo. Trata-se, por isso, do

⁷⁹ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 242.

⁸⁰ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, pp. 242-243.

ponto de vista psicológico, de uma mentalidade própria dos séculos XVI e XVII, época em que o pensamento e o temor da morte ocupam lugar constante na reflexão cristã e na pregação.

Enquanto isso, pastoralmente falando, toda a liturgia era focada somente e exclusivamente no defunto, não havendo oração nenhuma que se direcionasse para os familiares ou os vivos. Exerciam tarefas somente os sacerdotes e os clérigos, tudo o resto, era uma assistência passiva. O novo ritual, que só aparecerá em 1969, terá de preencher esta lacuna.

CAPÍTULO II

“ORDO EXSEQUIARUM”: O RITUAL RENOVADO PELO CONCÍLIO VATICANO II

Neste segundo capítulo debruçar-nos-emos sobre o “*ordo exsequiarum*” de 1969, que como bem sabemos, foi publicado em 1969, em latim, pela Congregação para o Culto Divino. Em linhas gerais, estudaremos o modo como foi elaborado, esclarecendo as motivações que levaram à reforma do ritual, veremos a sua estrutura, analisaremos a sua linguagem e procuraremos extrair o sentido teológico que o mesmo nos transmite. Finalmente, escreveremos algumas linhas em relação às exéquias das crianças, algo novo neste ritual renovado pelo Concílio Vaticano II.

1. Motivações para a reforma do ritual

Pela primeira vez na história, a Santa Igreja propôs-se fazer uma “reforma geral da Liturgia”. Decretou-a o Concílio Vaticano II⁸¹ e tem vindo a ser executada nos anos que se lhe seguiram. E porque? Porque a Liturgia não estava a ser já, para o povo cristão, aquilo que constitui a sua própria definição, a “Oração da Igreja”. Na realidade, a Liturgia já não estava a ser olhada pelos fiéis como a forma principal e normal das orações, como o fora no princípio.

⁸¹ Cf. SC, n. 21, p. 18.

O ritual das exéquias tem sido reformulado ao longo da história. Mais recentemente, o Concílio Ecumênico do Vaticano II enriqueceu os ritos de sepultamento de crianças, em particular, com uma missa própria⁸². Na edição portuguesa houve o cuidado de organizar a celebração, pondo no lugar os textos apropriados e organizando um amplo capítulo do livro⁸³.

O novo ritual das exéquias foi publicado em 1969 em latim pela Congregação para o Culto Divino. A Constituição conciliar sobre a liturgia declara: «O rito das exéquias deve exprimir mais claramente a índole pascal da morte cristã. E corresponder ainda melhor às condições e tradições das diversas regiões também com relação à cor litúrgica»⁸⁴.

A revisão do ritual deveria corresponder a uma exigência teológica: manifestação mais acentuada do carácter pascal da morte cristã; e a uma exigência antropológica: perceber a diversidade das situações de acordo com os países, os ambientes, e a idade do defunto⁸⁵.

Na reforma deste novo ritual, teve-se em conta as grandes diferenças entre a situação humana que vivemos hoje, em relação à dos séculos XVII-XIX. Diante das realidades diversificadas de cada povo, já era tempo de estudar o ritual único, e reformulá-lo de modo a permitir que este seja útil e adaptável em todas as realidades e países. Portanto, são dois os critérios que estiveram por detrás desta reformulação: ritual único, válido para todos os lugares e em todas as situações e com uma margem de adaptação.

Para isso, uma equipa foi formada para proceder os estudos sobre a prática dos funerais no mundo, tendo em conta dois princípios, que a seguir mencionamos: uma melhor expressão do carácter pascal da morte cristã e uma melhor adaptação às condições e costumes

⁸² Cf. SC, n. 82, p. 30.

⁸³ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 184, p. 197ss.

⁸⁴ SC, n. 81., p. 30.

⁸⁵ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 245.

das diferentes regiões. Tal equipa, depois de um trabalho árduo, constatou a existência de três tipos principais de práticas:

«Segundo o primeiro tipo, a celebração litúrgica mais importante ocorria na igreja, com missa e absolvição exequial: era o costume vigente na França e na Itália. No segundo tipo, difundido sobretudo nos países de língua alemã, o defunto, em vez de ser colocado na igreja, era levado diretamente ao cemitério e aí se desenrolava o rito litúrgico. Enfim, segundo o terceiro tipo, a celebração se realizava na própria residência do defunto, quer por causa da distância da igreja ou do cemitério, quer por motivo de tradições locais, como por exemplo, em diversas regiões da África e da Europa»⁸⁶.

Com estas descobertas, o grupo terá de juntar num mesmo ritual, três tipos de liturgia exequial, tendo em conta que a publicação, em latim, poderia ser traduzida e adaptada a critérios próprios, segundo achasse oportuno cada conferência episcopal, mas tendo uma base comum:

«Examinar quais os elementos tradicionais locais que poderiam ser introduzidos no ritual; manter alguns elementos dos rituais anteriores; adotar ou não os três tipos das exéquias propostas; traduzir os textos adaptando-os ao carácter próprio das línguas e das culturas, e propor os cantos; eventualmente acrescentar textos e rubricas novos; julgar se leigos poderiam presidir às exéquias; decidir sobre a cor litúrgica das exéquias»⁸⁷.

Portanto, nota-se aqui uma abertura à realidade dos nossos tempos; uma abertura que demonstra uma Igreja vivendo no presente e olhando os problemas e os desafios do presente. Com esta possibilidade de colocar o ritual nas línguas de cada cultura, permitirá também fazer

⁸⁶ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 245.

⁸⁷ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 245.

com que todos os participantes se sintam activos, e não meramente actores passivos, como rezavam os antigos rituais, onde o único que tinha um papel na cerimónia era o presidente. Alguns países publicaram simples traduções, com poucas modificações.

2. Conteúdo, estrutura e novidades do novo ritual das exéquias

Quanto ao conteúdo, o novo ritual das exéquias é riquíssimo. Apresenta-nos, para além dos preliminares (*praenotanda*), sete capítulos. O primeiro propõe orações antes das exéquias. Trata-se de «um esquema para possível vigília, a ser feita ou na casa do defunto ou na Igreja, e uma breve liturgia para a deposição do corpo no féretro»⁸⁸. Este capítulo, faz parte de um acréscimo desta nova edição⁸⁹ disponibilizada pela Conferência Episcopal Portuguesa, pois, anteriormente, esta parte estava separada do ritual das exéquias e vinha no ritual da União dos Doentes. Reza o número 27 do ritual das exéquias: «quando parece estar iminente o momento da morte, se está presente um ministro ordenado, este diz as orações da encomendação da alma. Se não está presente nenhum ministro ordenado, estas mesmas orações podem ser proferidas por algum dos presentes»⁹⁰.

Nos capítulos dois, três e quatro, deparamo-nos com os três tipos de celebração das exéquias. Assim, no segundo capítulo do ritual, temos a celebração das exéquias segundo o primeiro tipo de acordo com o seguinte esquema: casa do defunto (1ª *statio*), Igreja (2ª *statio*) e cemitério (3ª *statio*). Cada estação é marcada por uma procissão, e na segunda *statio* dá-se lugar à Missa⁹¹ ou Liturgia da Palavra, seguida do rito da encomendação e despedida

⁸⁸ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 246.

⁸⁹ Estamos a seguir a seguinte edição: Ritual Romano Celebração das Exéquias. Conferência Episcopal Portuguesa. Braga: Editorial A. O., 2005.

⁹⁰ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 27, p. 19.

⁹¹ «Neste esquema, a “estação” na igreja compreende normalmente a celebração da Missa exequial, que é proibida somente no Tríduo Pascal, nas solenidades de preceito e nos domingos de Advento, da Quaresma e da

(*commendatio et valedictio*). O terceiro capítulo resume o segundo tipo de exéquias que centra a celebração na capela do cemitério com a Liturgia da Palavra e o rito da encomendação e despedida seguida da procissão para o túmulo, não estando previsto, neste esquema, a celebração da Missa⁹². O quarto capítulo apresenta-nos o modo de celebrar as exéquias na casa do defunto. Esta última forma de celebrar as exéquias compreende liturgia para a colocação do corpo na urna mortuária, Liturgia da Palavra e eventualmente a celebração da Missa, e, finalmente, o rito da encomendação e despedida⁹³.

O quinto capítulo apresenta uma das primeiras novidades do ritual das exéquias. Trata da celebração das exéquias no caso de cremação do cadáver e apresenta-nos orações para as diversas circunstâncias quer na Igreja, quer na sala de cremação. A segunda novidade é-nos demonstrada no sexto capítulo e consiste na celebração das exéquias das crianças, que, como na celebração das exéquias dos adultos, pode ser em casa do defunto, na igreja ou no cemitério. Finalmente o sétimo capítulo nos propõe um conjunto de textos variados para as exéquias, evitando assim que a celebração se torne rotineira com os mesmos textos, sempre que houver um funeral.

No que diz respeito à estrutura, tendo em vista os três tipos de celebração das exéquias, que em princípio têm sempre o mesmo esquema, podemos destacar quatro elementos fundamentais: o acolhimento; a celebração da Palavra; a celebração Eucarística; o rito de encomendação e a última despedida.

Páscoa. Quando a Missa exequial não é permitida, pode tomar-se uma leitura de entre aquelas que estão incluídas no Leccionário dos Defuntos, a não ser que seja um dia do Tríduo Pascal, o Natal do Senhor, a Epifania, a Ascensão, o Pentecostes, o Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo ou outras solenidades de preceito. Pode acontecer, porém, que, por motivos pastorais, a celebração da Exéquias não inclua a Missa; neste caso, a Missa é adiada possivelmente para outro dia, mas é rigorosamente prescrita a Liturgia da Palavra» (Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 6, p. 10).

⁹² Cf. Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 7, p. 11.

⁹³ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, pp. 246-247. Ritual Romano - Celebração das Exéquias. Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 8, p. 11.

Antes, porém, o ritual nos propõe uma vigília na casa do defunto, coisa que hoje não tem sido costume, pois os familiares preferem deixar o corpo na capela mortuária e aí velam pelo seu ente querido durante algum tempo. Nesse espaço de tempo, na capela mortuária pode fazer-se essa vigília que consiste basicamente numa oração inicial que, à partida, pode ser presidida por um sacerdote, diácono ou um leigo, seguida de um salmo (129, 22, 113), e de imediato a Liturgia da Palavra, como se lê: «Podem fazer-se uma ou várias leituras que exprimam e iluminem o significado cristão da morte, intercaladas por cânticos e orações e principalmente por salmos»⁹⁴.

Posto isto, o celebrante propõe aos presentes para professar a sua fé. Acabada esta profissão de fé, faz-se a oração dos fiéis, terminando com uma oração que pode ser ou a oração do Pai Nosso ou uma oração proposta pelo ritual. O ritual apresenta-nos também propostas de oração próprias para o momento de colocar o corpo no féretro. Esta prática é livre e pode fazer-se de forma diversificada, segundo os costumes de cada região. «Segundo os costumes regionais, podem fazer-se análogas orações semelhantes quando se prepara o corpo do defunto e se lhe prestam os vários cuidados de piedade cristã»⁹⁵.

a) Acolhimento

A consolação da fé dirigida aos parentes do defunto começa com o rito de acolhimento, de contacto humano e cristão, comparável ao que existe para o Baptismo ou o matrimónio. Trata-se de um gesto por parte do sacerdote que se desloca a casa do defunto ou ao local onde se encontre, como por exemplo no hospital, e consola a família enlutada, guiando-se pelos seguintes elementos: saudação, aspensão do defunto com água benta, canto

⁹⁴ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 47, p. 35ss.

⁹⁵ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 37, p. 26.

de um Salmo ou outro cântico apropriado e oração. Aqui o ministro intervém tanto como homem que participa do luto quanto como homem de Deus que testemunha a fé e a esperança cristã⁹⁶.

No momento de levar o corpo à Igreja, faz-se o levantamento do féretro. Aqui, o ministro devidamente paramentado com uma alva ou sobrepeliz e estola de cor preta ou roxa e ainda, eventualmente, com pluvial da mesma cor, encaminha-se para o local onde se encontra o féretro acompanhado dos ministros, que levam a cruz e água benta.

Pode ser que este ministro não vá em casa do defunto e faça o acolhimento na Igreja. Nesse caso ele «manifesta aos familiares do defunto e a todos os presentes sentimentos de fraterna compreensão que despertem neles o conforto da fé cristã»⁹⁷. É oportuno também dirigir uma oração pelos familiares em luto. Caso as exéquias tenham lugar na Igreja, este acto de acolhimento far-se-á à porta da Igreja. Entretanto:

«Se a transladação do defunto para a Igreja se faz em procissão, organiza-se o cortejo segundo os costumes locais; à frente irá um ministro com a cruz; o sacerdote precederá imediatamente o féretro. Durante o percurso da procissão, podem-se cantar ou recitar os salmos aqui propostos [SI 114, 115], ou outros cânticos apropriados, ou recitar orações tradicionais»⁹⁸.

Hoje, infelizmente, ignora-se o sentido etimológico da palavra “exéquias” que vem de “*exsequor*”, como descrevemos no primeiro capítulo, verbo latino que significa “seguir para todo o lado, acompanhar”. O uso de diversos símbolos que assinalam e qualificam o féretro e as posições do defunto é sugerido pelo ritual e lê-se:

⁹⁶ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 247.

⁹⁷ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 63, p. 59.

⁹⁸ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 60, p. 57.

«Se for oportuno, conserve-se o costume de colocar o defunto na mesma posição que lhe era habitual na assembleia litúrgica: os fiéis voltados para o altar, os ministros sagrados voltados para o povo. Sobre o féretro pode colocar-se o Evangelho ou a Bíblia ou a Cruz. Se a Cruz do altar é bem visível, não é necessário colocar outra junto do féretro. Podem colocar-se à volta do féretro algumas velas acesas; e, se possível, coloque-se junto dele o círio pascal»⁹⁹.

O ritual das exéquias propõe também um pequeno cerimonial no acolhimento do féretro na Igreja quando não se segue imediatamente a Liturgia exequial. Nestes casos, o sacerdote tratará de, à porta da Igreja, receber o féretro e dirigir aos familiares uma palavra de fraterna compreensão que desperte neles o conforto da fé cristã. Não devem ser palavras longas e basicamente devem ser a partir de frases bíblicas significativas para o caso, como por exemplo “Vinde a Mim, vós todos que andais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei, diz o Senhor” (Mt 11, 28).

Enquanto o corpo permanecer na Igreja, entoam-se salmos ou cânticos apropriados. A Palavra de Deus deve ser o centro de tudo, daí que é oportuno procurar uma passagem do Evangelho e proclamá-la. O silêncio permitirá a interiorização do momento que se está a viver. Depois pode o sacerdote propor uma oração dos fiéis e terminar com a oração do Pai Nosso.

b) Liturgia da Palavra

O segundo passo é a Liturgia da Palavra. É um elemento que não pode faltar em nenhuma das modalidades da celebração exequial¹⁰⁰. Quer na celebração com Missa, quer na

⁹⁹ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 73, p. 71.

¹⁰⁰ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 247.

celebração sem Missa, a Liturgia da Palavra toma de igual modo um lugar de relevo¹⁰¹. Os principais temas das leituras são o mistério pascal, a esperança de reencontrar-se no Reino de Deus, a piedade para com o defunto e o valor do testemunho de vida cristã. Isso mesmo nos transcreve o ritual das exéquias:

«Em todas as celebrações pelos defuntos, tanto exequiais como comuns, dá-se muita importância à leitura da Palavra de Deus. De facto, as leituras proclamam o mistério pascal, avivam a esperança do novo encontro no reino de Deus, estimulam a piedade para com os defuntos e exortam ao testemunho de uma vida verdadeiramente cristã»¹⁰².

Especial atenção deve ter-se na homilia, de modo a que esta não se reduza à forma e ao estilo de elogio fúnebre. Não se trata aqui de menosprezar as circunstâncias e o morto, ou muito menos ignorar a eventual interpelação que essa pessoa e acontecimento representam para a vida das pessoas ali reunidas; mas a homilia deve sempre não fugir da Palavra de Deus. Neste caso, exige-se do sacerdote ou diácono a perícia de saber controlar o vaivém entre a Palavra e a vida das pessoas. Quem profere a homilia tem de aparecer como «educador da fé e ministro da consolação cristã»¹⁰³. Tudo quanto atrás foi dito, não exclui a possibilidade de, antes da encomendação e despedida, abrir-se excepção para uma intervenção mais na linha do tradicional “elogio fúnebre” e isso até é previsto pelo ritual das exéquias, no seguinte excerto do documento:

¹⁰¹ Cf. Julian LOPEZ - «El Leccionario del Ritual de Exequias», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, p. 25.

¹⁰² Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 11, p. 12.

¹⁰³ Cf. Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 17, p. 14.

«Segundo os costumes locais, aprovados pelo Ordinário do lugar, podem ser pronunciadas neste momento por um dos familiares, ou outra pessoa, algumas palavras de agradecimento e de comentário cristão a respeito do defunto, com estas palavras ou outras semelhantes:

Antes de nos separarmos, permiti que diga umas palavras de agradecimento em nome de todos os familiares deste nosso querido irmão. A vossa presença e a vossa companhia exprimem o afecto e a consideração que sentis para com o defunto e para connosco. Mas, de uma maneira especial, queremos agradecer a vossa oração sincera, pois o melhor conforto e consolação é partilhar connosco a fé na ressurreição que esperamos»¹⁰⁴.

Na celebração das exéquias com Missa, a celebração da Palavra seguirá o ritmo normal de uma Missa com uma antífona de entrada, oração colecta e a Liturgia da Palavra propriamente dita. Após a homilia, seguir-se-á a oração dos fiéis, à partida, propostas no ritual das exéquias. «Onde for costume, pode conservar-se nas Missas exequiais a procissão dos fiéis ao ofertório, contanto que se realize dentro dos limites do tempo do ofertório e os fiéis sejam instruídos sobre o seu significado eucarístico»¹⁰⁵. De seguida, a celebração eucarística conserva o seu ritmo e sequência normal.

Na celebração das exéquias sem Missa, o esquema é o mesmo, como acabamos de nos referir no parágrafo anterior, até à oração fiéis. Finda esta, dizem ou cantam, todos, o Pai Nosso, ou o Sacerdote diz uma das orações propostas pelo ritual:

«Senhor nosso Deus, Criador e Redentor de todos os fiéis, concedei às almas dos vossos servos e servas o perdão dos seus pecados, de modo que, pelas nossas humildes súplicas, alcancem a indulgência que sempre desejaram. Por Cristo, nosso Senhor.

Ou

¹⁰⁴ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 97, p. 100.

¹⁰⁵ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005CE, n. 81, p. 82.

Nós vos pedimos, Senhor, que a nossa oração seja proveitosa às almas de todos os vossos servos e servas; purificai-as de todos os seus pecados e fazei-as participar na plenitude da redenção. Por Cristo, nosso Senhor»¹⁰⁶.

O ritual das exéquias, no capítulo IV propõe exéquias sem Missa na capela do cemitério. Este começa com os ritos iniciais, onde o sacerdote devidamente paramentado dirige-se para junto do féretro e saúda respeitosamente os presentes, dirigindo-lhes palavras de fraterna compreensão que testemunham a fé cristã, como por exemplo estas palavras:

«Irmãos: A morte do nosso querido irmão N. enche-nos de tristeza e recorda-nos como é frágil e breve a vida do homem. Mas, neste momento de tribulação, conforta-nos a nossa fé. Cristo vive eternamente, e o seu amor é mais forte do que a morte. Por isso, não deve vacilar a nossa esperança. O Pai de misericórdia e Deus de toda a consolação vos conforte nesta tribulação»¹⁰⁷.

Lida a oração colecta, o esquema continua tal qual nos referimos na celebração das exéquias sem Missa, na Igreja: celebração da Palavra, última encomendação e despedida. Notamos que, em qualquer das celebrações acima referidas, a profissão de fé terá sempre uma importância no cemitério aquando da encomendação e última despedida. Este acto é testemunho de que fisicamente nos separamos do nosso ente querido, mas temos fé na ressurreição e acreditamos que o Pai, o Filho e o Espírito Santo, um só Deus ampara o que partiu e vela pelos vivos.

É importante frisar aqui que «o Concílio Vaticano II mandou que se pusessem à disposição de todos os fiéis com maior amplitude “os tesouros bíblicos” da Igreja, de modo

¹⁰⁶ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 92, p. 95-96.

¹⁰⁷ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 139, p. 140.

que se lessem ao povo as partes mais significativas da Sagrada Escritura (cf. SC, n. 51), por meio de leituras mais abundantes, mais variadas e mais apropriadas (cf. SC, n. 35, 1). O Leccionário dos defuntos é um exemplo desta amplitude»¹⁰⁸.

A série de leituras que encontramos no Leccionário do ritual das exéquias, se caracteriza por diversos temas, a saber: primeira leitura tirada do Antigo Testamento, que expressa esperança segura na salvação depois da morte. O ritual nos propõe oito leituras. Para os tempos pascais, esta primeira leitura é extraída do Novo Testamento, pois exprime o testemunho da Igreja primitiva na ressurreição do Senhor com o espírito da fé e da firme esperança, próprias do tempo pascal. São quatro no total. Seguem-se os salmos, em número de dez, alguns com mais de uma resposta para a assembleia. Todos eles com um único denominador comum que se resume no desejo de Deus, impresso no coração humano e expressão da certeza de que a verdadeira salvação vem somente do Senhor. Os salmos, desde sempre ocuparam um lugar importante nas exéquias cristãs.

Para segunda leitura, são quinze propostas, todas elas tiradas do Novo Testamento e constituem uma grande meditação em voz alta sobre o mistério da ressurreição e da vida que se manifestou em Cristo para a redenção de todos os homens. São leituras que tocam aspectos centrais da mensagem do cristianismo. Os onze versículos para o canto de aclamação do Evangelho foram tiradas quase todas dos textos evangélicos. Finalmente, os evangelhos, com dezanove propostas, revelam todos a auto manifestação de Jesus Cristo. São leituras que apresentam a vida eterna como uma realidade iniciada pela fé em Jesus Cristo¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Julian LOPEZ - «El Leccionario del Ritual de Exequias», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, p. 27.

¹⁰⁹ Cf. Julian LOPEZ - «El Leccionario del Ritual de Exequias», in *La Celebracion des les exequias*, pp. 27-29.

c) Celebração da Eucaristia

Os antigos tinham o costume, em determinados dias depois da morte e no seu aniversário, de celebrar junto do túmulo banquetes funerários nos quais se supunha que o defunto participava¹¹⁰. Os cristãos tiraram a esta refeição o seu carácter de oferenda alimentar ao defunto e deram-lhe o sentido duma prefiguração do banquete celeste e do repouso (*refrigerium*) da alma eleita. Portanto, já desde o século II, estabeleceu-se a prática propriamente cristã de oferecer a Eucaristia pelo defunto, nos mesmos dias determinados pelo uso para os banquetes funerários¹¹¹.

A celebração da Eucaristia é elemento normal da liturgia fúnebre. Prevista no primeiro tipo, pode celebrar-se na casa do defunto, sobretudo quando se trata daqueles locais onde o costume proíbe às mulheres de saírem de casa¹¹².

A Missa não é só uma oração pelo defunto, mas uma forma de vincular a passagem do cristão com o mistério da Páscoa de Cristo. Por isso, urge frisar que a celebração da Missa não pertence necessariamente à liturgia exequial. Ela não se conhece antes do século IV. Só na Idade Média é que, para todo o Ocidente, a Eucaristia se tornou parte principal das exéquias. O Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica pós sinodal *Sacramentum Caritatis* sobre a *Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja*, datada de 22 de fevereiro de 2007, esclarece:

«Desejo chamar atenção para um problema pastoral com que frequentemente nos deparamos no nosso tempo: em determinadas circunstâncias como, por exemplo, nas Missas celebradas por ocasião de matrimónios, funerais ou acontecimentos análogos, encontram-se presentes na celebração, além dos fiéis praticantes, outros que talvez há anos não se aproximaram do altar ou se encontram numa situação de vida que não permite o acesso aos sacramentos (...). Ora,

¹¹⁰ Cf. Primeiro capítulo deste trabalho, sobre: “os banquetes”.

¹¹¹ Cf. M. RIGHETTI - *Manual de storia litúrgica*. t. 2, 2ª ed. Milão: Ancora, 1955, p. 375.

¹¹² Cf. Philippe ROUILLARD – “Os ritos funerários”, in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 247-2478.

salta aos olhos a necessidade de encontrar formas breves e incisivas para alertar a todos sobre o sentido da comunhão sacramental e sobre as condições que se requerem para a sua recepção. Em situação onde não se possa garantir a necessária clareza quanto ao significado da Eucaristia, deve-se ponderar a oportunidade de substituir a celebração eucarística por uma celebração da Palavra»¹¹³.

Salta à vista nesta preocupação de Sua Santidade, a importância da Eucaristia e o apelo a não fazer dela um “espectáculo”, lembrando sempre que Ela é um sacramento da Páscoa de Cristo, daí ter que se criar condições para que seja uma Celebração condigna. O acontecimento histórico que se traz à memória e, de algum modo, atualiza-se no memorial é a morte de Cristo na cruz, sua entrega ao Pai.

d) Encomendação e última despedida (*commendatio et valedictio*)

No quarto elemento, ha encomendação e a última saudação. Este rito substitui o antigo rito da absolvição, que remonta ao séc. VIII ou IX e tinha sobretudo o significado de intercessão pelo defunto¹¹⁴. O magistério faz perceber o novo significado quando afirma:

«É um rito que não deve ser entendido como uma purificação do defunto – implorada sobretudo com a celebração do Sacrifício Eucarístico – mas como a última saudação dirigida pela comunidade cristã a um dos seus membros, antes de o corpo ser levado para a sepultura. É verdade que na morte há sempre uma separação; mas os cristãos, como membros de Cristo, são um só em Cristo e nem pela morte se podem separar. O rito é introduzido pelo sacerdote, que explica o seu significado; seguem-se, depois de alguns momentos de silêncio, a aspersão, a incensação e o cântico de despedida: um cântico que torne possível, pelo texto e pela melodia, ser executado por todos, de modo que todos o sintam como um momento culminante do rito. Também a aspersão, pela qual se recorda o Baptismo que inscreveu o cristão no livro

¹¹³ BENTO XVI - Exortação Apostólica pós sinodal *Sacramentum Caritatis*, Roma: Livraria Vaticana, 2007, n. 50.

¹¹⁴ Cf. Philippe ROUILLARD –“Os ritos funerais”, in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 248.

da vida, e a incensação, com que se honra o corpo do defunto, templo do Espírito Santo, podem ser consideradas como gestos de despedida»¹¹⁵.

É previsto que este rito seja normalmente realizado na Igreja, ao fim da Missa, com uma oração própria, depois da comunhão, se a celebração foi com Missa, ou depois da Liturgia da Palavra, se foi sem Missa; no entanto, pode ser feito também no cemitério se o celebrante e os fiéis acompanham processionalmente o corpo do defunto. Importa tecer um aparte em relação à liturgia bizantina que aproveita este momento para fazer um ritual chamado *aspamos*, que consiste num beijo do adeus ao defunto, beijo este que significa que a separação não é definitiva, que os vivos têm a esperança de reencontrar o defunto. Esta concepção dá sentido, no novo ritual, ao rito da *commendatio et valedictio*¹¹⁶.

Quer seja na Igreja ou no cemitério, terminada a oração, entoar-se um cântico apropriado e nesse instante, o presidente da celebração faz a aspersione e a incensação do corpo. Mas, antes destes gestos, o ministro celebrante dirige-se ao povo com breves palavras explicando a importância do momento que se está a viver. Enterrar os mortos é uma das obras de misericórdia corporais e por isso, é um dever dos cristãos sepultar o corpo humano, entregando à terra o corpo do irmão falecido e pedir para que o Senhor o ampare na sua infinita misericórdia.

É oportuno, depois de um breve silêncio, caso a família queira, que um dos membros expresse umas palavras de agradecimento e de comentário cristão a respeito do defunto. Terminado este, é então o momento de aspersione e incensação acompanhadas com estas orações, que todos respondem:

¹¹⁵ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 10, p. 12.

¹¹⁶ Philippe ROUILLARD –“Os ritos funerais”, in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 248.

«Vinde em seu auxílio, Santos de Deus.

Vinde ao seu encontro, Anjos do Senhor.

** Recebei a sua alma, levai-a à presença do Senhor.*

Receba-te Cristo, que te chamou, conduzam-te os Anjos ao Paraíso.

**Recebei a sua alma, levai-a à presença do Senhor.*

Dai-lhe Senhor, o eterno descanso, nos esplendores da luz perpétua.

**Recebei a sua alma, levai-a à presença do Senhor»¹¹⁷.*

A seguir ao responsório, o Sacerdote reza:

«Nas vossas mãos, Pai clementíssimo, encomendamos a alma do vosso servo, com a firme esperança de que ele há-de ressuscitar no último dia, juntamente com todos os que morrem em Cristo (...). Na vossa infinita misericórdia, Senhor, abri a este vosso servo as portas do Paraíso; e a nós, que ainda vivemos na terra, dai-nos a consolação das palavras da fé (...). Por Cristo, nosso Senhor»¹¹⁸.

Concluída a oração, o corpo é levado à sepultura. Em certas regiões, concretamente em Portugal, onde se restringiu o nosso estudo, os cemitérios estão, à partida, benzidos, o que dispensa o rito da bênção da sepultura. No entanto, caso este não esteja benzido, o sacerdote procederá à bênção com estas palavras ou outras semelhantes:

«Senhor Jesus Cristo, que, repousando três dias no sepulcro iluminastes com a esperança da ressurreição os túmulos daqueles que crêem em Vós, fazei que o corpo do vosso servo durma e descanse em paz neste sepulcro, até ao dia em que Vós, que sois a ressurreição e a vida, o façais resplandecer com a luz da ressurreição, para que possa contemplar no esplendor do

¹¹⁷ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 98, p. 101.

¹¹⁸ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 100, p. 104

vosso rosto a luz eterna do Céu. Vós que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo»¹¹⁹.

Após a oração, o sacerdote asperge com água benta a sepultura e procede-se a descida do féretro ao túmulo. Neste momento as pessoas vão se retirando enquanto os familiares tratam de se despedir do seu ente querido.

3. Algumas novidades

O novo ritual, para além de ter revisto os conteúdos que continham os antigos rituais, dando-lhes novos ares, prevê algumas inovações dignas de serem aqui mencionadas. A incineração ou cremação é admitida, com a condição de que não constitua gesto anticristão, conforme lemos no número 16, página 13 do ritual. Outra novidade tem a ver com o ministro das exéquias que normalmente é o sacerdote ou o diácono, porém, agora as conferências episcopais podem decidir que em sua ausência os funerais sejam presididos por leigos¹²⁰, conforme se lê:

«As exéquias sem Missa podem ser presididas por um diácono. Se a necessidade pastoral o exigir, a Conferência Episcopal com licença da Sé Apostólica pode até confiar essa missão a um fiel leigo. No caso de não haver sacerdote nem diácono, é de aconselhar que, nas exéquias segundo o primeiro esquema, as “estações” ou ritos na casa do defunto e no cemitério sejam dirigidas por fiéis leigos; o mesmo se diz em geral, das vigílias pelo defunto»¹²¹.

¹¹⁹ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 108, p. 110.

¹²⁰ «Por Leigos entendem-se aqui todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela igreja, isto é, os fieis que, incorporados em Cristo pelo Baptismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na igreja e no mundo». (*Lumen Gentio* – «Constituição dogmática sobre a Igreja», in Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios, 10ª edição, Braga: ed. A. O, 1987, n. 31, p. 87.).

¹²¹ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 20, p. 14.

Lembra-nos, assim, o magistério que as exéquias não são, pois, liturgia propriamente sacerdotal, mas é normal que o responsável pela comunidade desempenhe, neste momento essencial, o seu papel de ministro do evangelho e ministro da consolação, segundo está escrito nos números 17 e 19, na página 14 do ritual, como também cada participante: pais ou familiares, encarregados dos funerais, a comunidade cristã, tem a sua função, não sendo assim, simples assistentes passivos.

Uma terceira novidade consiste na celebração das exéquias das crianças e, aqui, até as crianças não baptizadas têm direito ao funeral condigno e religioso. Diz Philippe que «entre o antigo ritual e o novo, a mudança de mentalidade provém do facto de que a mortalidade infantil, que em outros tempos era frequente e quase normal, se tornou hoje excepcional pelo menos em muitos países»¹²². No caso de exéquias de uma criança baptizada, morta antes do uso da razão, proceder-se-á tal qual o esquema das exéquias de um adulto, usando porém alguns textos especiais¹²³.

No entanto:

«Se uma criança, que os pais desejavam que fosse baptizada, morrer antes do Baptismo, o Ordinário do lugar, tendo em conta as circunstâncias pastorais, pode permitir que se celebrem as exéquias, ou na casa do defunto ou segundo o esquema das exéquias habitualmente em uso nessa região. Em ambos os casos, usem-se os textos próprios indicados para estas exéquias. Não falte, porém, nestes casos, uma conveniente catequese, para que não fique ofuscada, na mente dos fiéis, a doutrina sobre a necessidade do Baptismo»¹²⁴.

A Igreja se compadece assim mais com a morte das crianças, hoje, do que em outros tempos. «Ela deseja a salvação da criança como a de todos os homens, e ela intercede pela

¹²² Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 249.

¹²³ Cf. Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 166, p. 185.

¹²⁴ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 167, p. 185.

criança não batizada. Como se esta criança tivesse o “Batismo desejado”, a Igreja tem por ela o desejo do Batismo, e é o desejo profundo e ardente que se chama esperança»¹²⁵. Só Deus sabe sobre estas crianças e por isso, a igreja, ao autorizar que se faça uma liturgia fúnebre confia no binómio que caracteriza Deus: o nosso Deus é clemente e misericordioso.

4. Linguagem verbal e não-verbal no ritual das exéquias

Na liturgia, como em toda a vida, a linguagem é meio de expressão e ao mesmo tempo de comunicação. Tal linguagem deve permitir exprimir a certeza, a esperança, o sentimento e comunicar estes valores aos outros. Num mundo em que vivemos, marcado pela imagem, acontece muitas vezes que a expressão, apesar de exata, não estabelece a comunicação, pois a linguagem não é captada e entendida; assim acontece também na liturgia. Por esse e vários outros motivos, além das monições, dos salmos, das leituras, dos cantos e das orações (linguagem verbal), o novo ritual propõe símbolos e ritos muito significativos e eficazes, que se denominam “linguagem não-verbal”. Por exemplo: a cor dos paramentos¹²⁶; a posição do corpo na Igreja: se leigo com o rosto voltado para o altar, se ministro sacro com o rosto voltado para o povo¹²⁷; e outros símbolos cristãos como o silêncio, a Bíblia, a cruz, o círio ou velas, o incenso e a água benta.

a) Linguagem Verbal

No decorrer da liturgia das exéquias, durante boa parte do tempo usa-se a linguagem verbal. Assim, o sacerdote fala a Deus diante da assembleia, ou então fala à assembleia, ou

¹²⁵ André TURCK – «Notes sur les funérailles d’enfants non baptisés», in *La maison-Dieu*, 101 (1970) 115.

¹²⁶ Cf. Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 23.f), p. 16.

¹²⁷ Cf. Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 73, p. 71.

ainda fala ao defunto, mais uma vez diante da assembleia. De igual modo, o leitor, ao proclamar a Palavra de Deus, dirige-se à assembleia e esta, por sua vez, dirige-se a Deus com salmos, que são recitados em nome do defunto, como indicam claramente as antífonas das quais, só para elucidar, citamos uma: «*na vossa casa Senhor, viverei em paz* (antífona do salmo 121)»¹²⁸.

A linguagem das monições e das orações, no ritual latino, é linguagem bíblica e tradicional, que pode não ser compreendida pelos fiéis, a não ser que estes tenham certo conhecimento da Bíblia. Trata-se aqui de uma linguagem correspondente à mentalidade cristã, pois o homem parte de uma afirmação de fé para apoiar a sua oração¹²⁹. Por ser uma linguagem questionável, outros rituais renunciaram, pelo menos em parte, a esta linguagem e preferiram partir da situação humana, para se dirigirem a Deus e expressarem a sua oração. Isto porque, afirma Philippe Rouillard, «a linguagem tradicional corre o risco de não ser compreendida; a linguagem nova do ritual demasiado adaptada, por vezes, corre o risco, pelo menos em certos casos, de não transmitir a plenitude da fé e da esperança cristã diante da morte e do além»¹³⁰.

A linguagem verbal também se faz passar pelo canto na celebração das exéquias. Por isso, ainda que haja dificuldade de fazer com que as pessoas cantem nestes momentos, devido a vários motivos, tais como a não familiaridade dos cantos e o baixo conteúdo que alguns deles trazem, o canto nas celebrações das exéquias não pode ser excluído. Há-de evitar-se cânticos medíocres, sentimentais, banais, que muitas vezes são fruto de má escolha por parte de quem os orienta.

O novo ritual convida a que se cuide destes cantos, pois:

¹²⁸ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 69, p. 66.

¹²⁹ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 251.

¹³⁰ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 251.

«Numa celebração tão delicada como esta, é necessário que se cuidem os cantos, para que eduquem e fomentem as atitudes justas: que sejam cantos expressivos de esperança e de fé pascal. Que ajudem a rezar e celebrar em cada momento, por exemplo, no canto de despedida: “há que fomentar o uso de cânticos educados, especialmente escolher cânticos próprios para o último adeus ao corpo do defunto. Quando os cantos dos textos próprios não são possíveis, poderão usar-se outros cantos, tendo em conta de que os mesmos estão penetrados de genuíno espírito bíblico e litúrgico e seu texto seja verdadeiramente apropriado à celebração das exéquias»¹³¹.

Portanto, visto desta forma, percebe-se a tamanha importância que os cantos têm nas celebrações das exéquias. Estes cantos devem ser um meio de evangelização de todo o acontecimento da morte. A escolha dos cânticos, no dizer de Aldazabal, deve observar três níveis: o humano, civilizado, social; o religioso e o cristão. O primeiro implica escolher cânticos que mostrem solidariedade e união com a família enlutada; o segundo considera o eco da morte a partir de uma perspectiva transcendental, isto é, «o futuro do homem é Deus, e Deus é vida»¹³²; o terceiro consiste em escolher cânticos que evoquem a morte a partir da perspectiva pascal¹³³, isto é, que em Cristo ressuscitaremos.

b) Linguagem não-verbal

«A linguagem natural própria da liturgia é a das acções, dos gestos, dos símbolos, para além das palavras. E às vezes os gestos simbólicos são mais eloquentes que as palavras, mais

¹³¹ José ALDAZABAL - «El canto en la Celebracion de las exéquias», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, p. 37.

¹³² José ALDAZABAL - «El canto en la Celebracion de las exéquias», in *La Celebracion des les exequias*, p. 40.

¹³³ Cf. *Sacrosanctum Concilium* – «Constituição sobre a Sagrada Liturgia», in Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios, 10ª edição, Braga: editorial A. O, 1987, n. 81, p. 30.

comunicativos e eficazes em sua pedagogia»¹³⁴. Com relação à linguagem não-verbal, o primeiro elemento visível que leva consigo um conteúdo teológico à Celebração são as presenças do defunto e da comunidade cristã, juntamente com a sua família. Portanto, Aldazabal faz notar que «a celebração das exéquias tem maior sentido expressivo quando se traz o defunto à Igreja»¹³⁵. Já, para Philippe Rouillard, diante da morte, o silêncio é a primeira linguagem. Faz perceber que o silêncio é sinal de que o mistério da morte ultrapassa de muito as palavras, de que a morte é inexplicável¹³⁶. O novo ritual reserva pouco espaço para o silêncio, no entanto dá liberdade a que nas traduções possa dar-se maior destaque a este aspecto.

A Bíblia e a cruz são, como nos referimos, previstos pelo ritual. Assim, o ritual opina: «sobre o féretro pode colocar-se o Evangelho ou a Bíblia ou a Cruz. Se a Cruz do altar é bem visível, não é necessário colocar outra junto do féretro»¹³⁷. Para Philippe Rouillard, «uma e outra são sinais de Cristo, que com a sua revelação e o seu mistério pascal deu sentido novo à vida e à morte»¹³⁸. Portanto, o rito da cruz, lembra-nos que Jesus Cristo amou-nos até ao fim, até à Sua morte na cruz. A Bíblia mostra que a Palavra de Deus foi luz para os pés daquele que acaba de chegar no fim de sua peregrinação terrena.

O ritual propõe também que se coloquem velas acesas à volta do féretro e, se possível, coloque-se junto dele o círio pascal aceso. Neste caso, ao acolher o féretro na igreja, o ministro celebrante, logo à seguir a saudação, acende o círio pascal com estas palavras:

¹³⁴ José ALDAZABAL - «El lenguaje de los simbolos en las exequias», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, p. 55.

¹³⁵ José ALDAZABAL - «El lenguaje de los simbolos en las exequias», in *La Celebracion des les exequias*, pp. 55-56.

¹³⁶ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 250.

¹³⁷ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 73, p. 71.

¹³⁸ Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 250.

«Junto ao corpo, agora sem vida, deste nosso irmão N., acendemos, Senhor, esta chama, símbolo do vosso corpo glorioso e ressuscitado. O esplendor desta luz ilumine as nossas trevas e alumie o nosso caminho de esperança. Até chegarmos a Vós. Claridade eterna, que viveis e reinais, imortal e glorioso, pelos séculos dos séculos. Amen»¹³⁹.

Perante esta oração podemos concluir que o círio pascal simboliza a presença, no mundo, de Jesus Cristo ressuscitado¹⁴⁰. Deste significado deriva a justificação do chamado “rito da luz” que consiste em, a partir da luz do círio pascal, acender as velas que rodeiam o caixão, querendo dizer que a Luz de Cristo ressuscitado é a fonte da nossa esperança.

A aspersion com água benta e a incensação do corpo são dois gestos conservados pelo ritual e têm lugar no momento da última encomendação e despedida, no final da Missa ou da celebração da Palavra. O significado destes símbolos lêem-se nas palavras proferidas pelo ministro celebrante neste momento de encomendação:

«Pelo Baptismo, este nosso irmão tornou-se verdadeiramente filho de Deus, membro de Cristo ressuscitado e templo do Espírito Santo. A água que agora vamos derramar sobre o seu corpo recorda-nos essa admirável graça baptismal, que o preparou para ser concidadão dos Santos no Céu. (O incenso com que vamos perfumar os seus despojos será símbolo da sua dignidade de templo de Deus.) O Senhor aumente em nós a esperança de que este nosso irmão, chamado a ser pedra viva do templo eterno de Deus, ressuscitará gloriosamente com Cristo»¹⁴¹.

Tendo em conta esta exortação, percebemos que o Baptismo faz-nos entrar na dinâmica pascal e participar da paixão, morte e ressurreição do Senhor. «A aspersion com a água benta pode ser considerada rito de purificação, mas sobretudo uma espécie de referência à ablução

¹³⁹ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 73, p. 71.

¹⁴⁰ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 250.

¹⁴¹ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 97, p. 100.

ou banho baptismal»¹⁴². Por ocasião do último adeus, a água benta, lembra-nos «a água baptismal e a nossa iniciação»¹⁴³. Por seu lado, o incenso tem duplo significado, no dizer de Philippe Rouillard: além de combater o odor desagradável, é um sinal de respeito pelo defunto e simboliza a nossa oração que sobe a Deus¹⁴⁴. Tem, assim, «um sentido de sacrifício de louvor»¹⁴⁵. Do mesmo modo como se queima para exalar um agradável perfume, da mesma forma o cristão, com a sua morte, consoma o sacrifício de suave perfume que durante toda a vida ofereceu a Deus (Fl 4, 18; 2 Cor 2, 15).

Há também outros gestos não propostos pelo ritual, mas que a devoção popular adotou e têm a sua razão de ser. Trata-se de gestos e sinais de amizade, manifestados por meio de flores. As flores são sinais de simpatia, de amizade, de solidariedade. Elas são também sinal de uma vida renovada que continua para além da morte. Daí a importância de flores “frescas”. Os objectos familiares podem ser significativos, pois simbolizam o que tinha valor aos olhos do defunto. O gesto do último adeus é um sinal de afecto e de amizade que podemos fazer, por exemplo, poisando a mão sobre o caixão¹⁴⁶.

5. A teologia do novo rito

A temática da morte e do além constitui ponto alto nos textos do novo rito. Há diversas visões teológicas: visão verdadeiramente cristã e pascal, mas também visão pré-cristã e pré-pascal. Um outro dado importante que se pode notar no novo ritual é a separação do corpo e da alma, propondo por conseguinte certa antropologia da transição entre a vida

¹⁴² Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 250.

¹⁴³ A. G. MARTIMORT - «Estrutura e leis da Celebração Litúrgica, Secção I», in *A Igreja em Oração. Introdução à Liturgia*, ed. Aimé G. MARTIMORT, Singeverga: edições Ora & Labora, 1965, p. 193.

¹⁴⁴ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 250-251.

¹⁴⁵ A. G. MARTIMORT - «Estrutura e leis da Celebração Litúrgica, Secção I», in *A Igreja em Oração. Introdução à Liturgia*, ed. Aimé G. MARTIMORT, Singeverga: edições Ora & Labora, 1965, p. 194.

¹⁴⁶ Em alguns locais este gesto consiste em beijar o defunto, ou de perfumar o cadáver.

terrestre e a vida celeste. Boa novidade está nas orações do novo rito pela família enlutada, que se encontra a viver o mistério da morte.

Quanto à visão pascal do “*transitus*”, deparamo-nos nos preliminares com a chave de leitura do ritual inteiro dos defuntos, quando este, servindo-se do documento *Sacrosanctum Concilium*, n. 81, deseja que «o rito das exéquias exprima mais claramente a índole pascal da morte cristã»¹⁴⁷. Ademais, «no mesmo número 1 dos preliminares (*praenotanda*), o rito das exéquias está relacionado com os dois sacramentos fundamentais da participação do homem no mistério pascal: o Baptismo e a Eucaristia»¹⁴⁸.

Perante este tema do mistério pascal, duas afirmações dimanam dele, a saber: por um lado, Cristo é o Vencedor da morte e fonte da ressurreição, senão vejamos a oração proposta pelo ritual no momento da morte: «*Este mundo terreno passou definitivamente para o nosso irmão N.. Peçamos ao Senhor que lhe conceda a graça de participar na alegria dos novos céus e da nova terra, que Ele preparou para os seus eleitos*»¹⁴⁹. Esta oração retoma parte do primeiro prefácio pascal¹⁵⁰. Por outro lado, o *transitus* do cristão é associado ao mistério pascal de Cristo e, além disso, o mistério pascal é proclamado nas leituras, como também em muitas orações das missas para os defuntos¹⁵¹.

No que diz respeito à visão pré-cristã do além, este novo rito conservou muitas orações provenientes dos sacramentários antigos, nos quais Cristo não é mencionado. Nestas orações do tipo tradicional pede-se que o defunto seja recebido pelos anjos e pelos santos, para que ele ressuscite no último dia, mas sem referência à ressurreição de Cristo. Só para

¹⁴⁷ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 1, p. 9.

¹⁴⁸ Philippe ROUILLARD – “Os ritos funerais”, in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 252.

¹⁴⁹ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 33, p. 23.

¹⁵⁰ Cf. Prefácio Pascal I, in *Missal Romano Reformado por Decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o papa Paulo VI*, Gráfica de Coimbra, 1992, p. 469.

¹⁵¹ Cf. Philippe ROUILLARD – “Os ritos funerais”, in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 252.

ilustrar, eis a oração que se faz imediatamente depois de expirar, ao fechar os olhos do cadáver: «*Concedei, Senhor, que o nosso irmão N., cujos olhos não verão mais a luz deste mundo, contemple eternamente a vossa beleza e goze da vossa presença pelos séculos dos séculos*»¹⁵². Portanto, a referência aqui é Deus, a quem lhe é dirigida a oração pelos séculos dos séculos.

Quanto ao corpo e à alma, o novo ritual lembra que cabe a Deus receber a alma, enquanto os homens cuidam do corpo e têm o dever de sepultá-lo. Numa das orações propostas para a vigília pelo defunto, lê-se:

*«Senhor, que sois a vida de todos os quem morrem e dais aos nossos corpos mortais depois desde mundo, uma vida melhor, ouvi a oração da vossa família e fazei que a alma do vosso servo N. seja conduzida pela mão dos anjos à morada do nosso pai Abraão, vosso amigo, para que ressuscite gloriosamente no dia do juízo universal; e, se, durante a vida terrena, cometeu alguma falta contra a vossa santíssima vontade perdoai-lhe misericordiosamente as suas culpas. Por Cristo, nosso Senhor»*¹⁵³.

Deus acolhe a alma do defunto, por isso, é a ele que se dirigem as orações. Quanto ao corpo, como bem dissemos, este fica à mercê dos homens que o devem cuidar e sepultar. Esta responsabilidade lembra a preferência cristã pela inumação, que aumenta a fé na ressurreição, no nascimento para a vida eterna.

Finalmente, o novo ritual olha a morte como migração¹⁵⁴. A morte é uma páscoa, é a passagem deste mundo conhecido para o mundo celeste desconhecido, ou bastante mal conhecido, é a passagem deste século para outro século, da temporalidade para a eternidade.

¹⁵² Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 32, p. 22.

¹⁵³ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005, n. 45, p. 33

¹⁵⁴ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 253.

Quanto a esta realidade, semelhante a todos os ritos de passagem, o trânsito do cristão compreende três momentos, a saber: o abandono da vida, o tempo de passagem, o reencontro da vida.

O primeiro momento de abandono compreende os ritos de separação, aqueles que preparam o moribundo, os seus parentes e amigos para a terrível separação. Aqui, o ritual propõe a unção que ajuda a confortar o moribundo no momento da sua agonia, sacramento do viático, que permite ao moribundo associar a sua passagem pessoal à Páscoa de Cristo e lhe assegura a presença interior que lhe é bastante mais íntima do que a presença dos homens. Finalmente, a encomendação do moribundo, com nova linguagem contrária àquela antiga que dizia encomendação da alma. Esta nova concepção é puramente antropológica¹⁵⁵.

¹⁵⁵ Cf. Philippe ROUILLARD – «Os ritos funerais», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, p. 254.

CAPÍTULO III

A MORTE E A RESSURREIÇÃO DO CRISTÃO

Neste terceiro capítulo, a temática gira em torno da morte e a ressurreição na visão cristã, segundo a teologia do novo ritual das exéquias. Nele procuramos expor o sentido da morte e os desafios que ela nos traz quando nos bate à porta. Achamos oportuno começar por falar do viático que o segundo capítulo deste nosso trabalho já acenou em linhas gerais quando fazíamos o estudo do novo ritual, no que diz respeito à estrutura do mesmo. Aqui, aprofundaremos o sentido deste conceito. Depois, desenvolveremos o tema da morte, olhando-a como uma realidade incontornável; como um apelo ao transcendente; como uma realidade com maior expressão na Bíblia. Posteriormente, veremos como ela é celebrada entre os cristãos para depois fazermos o estudo do pós-morte, no mundo de hoje. Uma segunda parte deste capítulo versará sobre as perspectivas pastorais, conhecidas como pastoral das exéquias e aqui procuraremos responder às questões: que tipo de pessoas estão nos funerais, como acolhê-las, como pregar?

1. O Viático

O viático é o sacramento dos moribundos, segundo nos diz a tradição litúrgica, e as prescrições disciplinares. É uma comunhão solene. Trata-se de um remédio de vida eterna tanto para o corpo como para a alma. Já na Idade Média, os rituais apresentavam a unção dos doentes após o viático, ideia apoiada pelos bispos e concílios, segundo os quais dê-se aos penitentes a possibilidade de serem reconciliados e de receberem a Eucaristia antes de morrer. «Para os Padres da Igreja a Eucaristia é a principal provisão espiritual para a qual a viagem da vida e da morte do cristão, o *viaticum* da nossa viagem para Cristo. (...) O viático é para o moribundo um penhor de ressurreição»¹⁵⁶.

Devido à sua importância, diante do viático devem ceder, em caso de urgência, todas as leis eclesásticas. A “necessidade” de administração do viático justifica-se, na medida em que «assegurar a um cristão a participação pelo viático no sacrifício eucarístico e na Páscoa do Senhor é, pois, bem mais importante que oferecer a Eucaristia por ele depois da sua morte»¹⁵⁷. Percebe-se assim, a ideia comum dos modernos, que a recepção do viático em perigo de morte procede dum preceito de Cristo, segundo o qual: “*quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia*” (Jo 6, 54).

No que diz respeito ao ritual do viático como tal, este sofreu algumas alterações após o Vaticano II. Mas urge descrever aqui como era o ritual até ao século XII. Pois bem, administrado sob as duas espécies ao mesmo tempo, isto é, a hóstia molhada no precioso Sangue, o ritual rezava-se de três formas, a saber: a) o moribundo podia ser transportado à Igreja para a Missa ou comunhão; b) podia celebrar-se a Missa em sua casa; c) ou fazia-se um rito especial de comunhão sem Missa a domicílio. A oração do “*Pater*” é então a principal

¹⁵⁶ P. M. GY - «A morte do Cristão», in *A Igreja e Oração. Introdução à Liturgia*, Singeverga: edições Ora & Labora, 1965, p. 714.

¹⁵⁷ P. M. GY - «A morte do Cristão», in *A Igreja e Oração. Introdução à Liturgia*, Singeverga: edições Ora & Labora, 1965, p. 715.

preparação para a comunhão, mas há-de sublinhar-se que a partir do século XI, a oração do Senhor foi quase substituída pelo *Confiteor* e uma profissão de fé: esta última é ainda prevista para o bispo que recebe o viático¹⁵⁸.

2. A morte: uma realidade incontornável, mas não o fim de tudo

Embora a morte seja um acontecimento diário e em números incalculáveis, a cultura e a sensibilidade modernas têm dificuldade de integrá-la como realidade própria do ser humano. Um simples olhar lançado à literatura destes anos no campo literário, filosófico e teológico obriga a reconhecer, na atenção dispensada ao tema da morte, um facto de proporções bastante amplas e evidentes. O esforço para detectar as razões deste fenómeno e para compreender os conteúdos com os quais ele vem pouco a pouco configurando-se, contribui para delinear o contexto dentro do qual hoje, de facto, é colocada a problemática pastoral relativa à celebração da morte¹⁵⁹.

Em geral, as pessoas sentem a morte como absurda e injusta violação do seu direito, o qual consiste, fundamentalmente, no direito à vida. O encontro com a morte, cada vez mais, aparece como incómodo e embaraçante. Tudo isto, porque não se sabe mais trabalhar a dor e o luto provocados pela morte, e, então, como consequência, delega-se a empresas funerárias o cuidado de “digerir o funeral” da forma menos dolorosa possível. Daí surge uma indústria de carácter burocrático e anónimo, ao lado de um comércio de cunho consumista que banalizam e escamoteiam a morte.

Com razão afirma F. Brovelli, nestes termos:

¹⁵⁸ Cf. P. M. GY - «A morte do Cristão», in *A Igreja e Oração. Introdução à Liturgia*, Singeverga, edições Ora & Labora, 1965, pp. 715-716

¹⁵⁹ Cf. F. BROVELLI – «Exéquias» in *Dicionário de Liturgia*, São Paulo: edições paulinas, 1992, pp. 426-425.

«O silêncio sobre a morte é imposto porque ela se acha agora desacreditada, de rito passou a espetáculo; não tem mais um papel social e passa-se definitivamente na esfera privada (...). O evento morte é assumido essencialmente como evento técnico-biológico: é incidente, é ‘coisa’ que, como todas as coisas da vida, é modificável e manipulável pelo homem que prepara e usa instrumentos técnicos adequados para enfrentar as várias realidades da existência»¹⁶⁰.

Diante de um cadáver, as pessoas são colocadas frente a frente com a caducidade daquilo que elas consideram valores: beleza, juventude, realização pessoal, sucesso social. A morte, por isso, se torna tabu, clandestina, assunto proibido. Em certos ambientes é quase falta de educação pronunciar a palavra “morte”. Como muito bem percebeu o sociólogo inglês Geoffrey Gorer, nos últimos tempos a morte passou a ser pornográfica e substituiu o sexo como principal interdito¹⁶¹.

Ao saber que a sua doença é fatal, a primeira reação do doente terminal é de negação. A segunda atitude é de raiva e cólera. Acha injusto morrer. Passa, em seguida, por um sentimento de culpa de tipo depressivo. Sente a morte como castigo de suas limitações e falhas. Tenta então ludibriar a morte, prometendo, a si mesmo e aos outros, ser diferente, se sua morte for adiada e, melhor ainda, se for evitada. Somente depois de todo este doloroso processo é que as pessoas se reconciliam com a morte e a assumem com serenidade¹⁶².

Vários autores como Elisabeth Kubler-Ross, nos últimos anos, têm questionado de forma vigorosa este tabu que impede falar da morte e descrevem o enorme alívio dos pacientes que estão a morrer quando são convidados a partilhar seus temores e suas necessidades.

¹⁶⁰ F. BROVELLI – «Exéquias» in *Dicionário de Liturgia*, São Paulo: edições paulinas, 1992, p. 427.

¹⁶¹ Cf. Philippe ARIÈS - *História da morte no ocidente*, Lisboa: Ed. Teorema, 1989, p. 59.

¹⁶² Cf. Elisabeth KUBLER-ROSS - *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. 7ª edição, S. Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 51-53.

A “interdição da morte”, por mais paradoxal que possa parecer, vulgariza a morte e banaliza a vida. Uma viragem cultural em favor da vida necessariamente deverá passar, como lembra João Paulo II, por uma acção educativa que «não pode deixar de tomar em consideração o sofrimento e a morte»¹⁶³.

3. A morte: um apelo ao transcendente

Em todas as religiões a morte foi contemplada e celebrada como um apelo ao transcendente, como uma tentativa de aproximar o mundo do divino em que se acredita que de uma forma ou de outra, o falecido foi incorporado. A Igreja no passado nunca rejeitou o quanto, na visão religiosa, isto tem de santo e verdadeiro. A longa história de funerais cristãos através dos séculos faz-nos provar essa conclusão. Relativamente aos nossos dias deve-se dizer que, à luz da doutrina do Concílio Vaticano II e guiados pelo ritual de Paulo VI, a Igreja assume novamente o seu papel de tornar inteligível para as pessoas de hoje não só os valores humanos e religiosos que despertam a visão da morte, mas também e acima de tudo para proclamar a alegre mensagem da ressurreição e da vida eterna que, por si só, transforma radicalmente a visão da morte. Portanto, não é exagero dizer que a celebração cristã das exéquias é uma das celebrações mais importantes da liturgia cristã¹⁶⁴.

Para os crentes, com efeito, significa um aprofundamento e experiência de um dos pontos centrais de sua própria fé e um fortalecimento de um dos pilares da esperança cristã. E para os incrédulos – ante os quais com frequência, por razões de convivência, amizade ou familiaridade deverão celebrar-se as exéquias – a celebração da morte será para a Igreja um dos momentos mais especiais para proclamar um dos núcleos mais centrais e primitivos do *kerygma* que deve anunciar-se ao mundo: a ressurreição dos mortos e a vida eterna.

¹⁶³ JOÃO PAULO II – Carta Encíclica, *Evangelium Vitae*, Roma: Livraria Vaticana, 1995, n. 97.

¹⁶⁴ Cf. F. BROVELLI – «Exéquias» in *Dicionário de Liturgia*, São Paulo: edições paulinas, 1992, p. 428.

4. A morte vista a partir da Sagrada Escritura

«O sentido pascal da morte cristã encontra-se revelado na Sagrada Escritura, especialmente naquelas páginas do Novo Testamento que se referem à glorificação de Jesus e à incorporação no mistério de sua morte e ressurreição pelo Baptismo e pela Eucaristia»¹⁶⁵. O cristão sabe que a morte é o salário do pecado (Rm 6, 23; 7, 13; 8, 10; Ef 2, 5) e a recusa do ser humano de se alimentar da árvore da vida (Gn 2-3). Mas Deus, rico em misericórdia, nos fez reviver, ressuscitando-nos com Cristo (Ef 2, 4-5). Antes de Cristo nós éramos como ovelhas apascentadas pela morte (Sl 49, 25), ponto de encontro para todos os viventes (Jo 30, 23). Com a ressurreição de Cristo, porém, a morte deixa de ser o que era. Perde seu poder. É totalmente aniquilada. O cristão, tendo sido enxertado em Cristo, não deve mais nada ao pecado.

Por isso, a morte já não tem mais poder sobre ele, como não tem sobre Cristo (Rm 6, 4-11). Nosso ser, de corruptível que era, se transforma em incorruptível e nossa mortalidade se converte em imortalidade, Agora já podemos zombar da morte. “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1 Cor 15, 54-55). O cristão, depois da ressurreição de Cristo, considera a morte biológica uma quimera, e morrer passa a ser lucro (Fp 1, 20), pois quem crê em Cristo, ainda que morra, viverá; e não morrerá para sempre (Jo 5, 24; 11, 25).

A certeza da ressurreição, no entanto, não arranca do cristão a tragicidade da morte. «Não se aflige apenas com a dor e a progressiva dissolução do corpo, mas também, e muito mais, com o temor da destruição perpétua»¹⁶⁶. Na verdade, como afirma Santo Agostinho,

¹⁶⁵ Julian LOPEZ - «El Leccionario del Ritual de Exequias», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, p. 25.

¹⁶⁶ *Gaudium et Spes* - «Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo actual», in Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios, 10ª edição, Braga: editorial A. O, 1987, n. 18, p. 356.

«não é a fé, mas a natureza que sente horror à morte»¹⁶⁷. O próprio Jesus diante do túmulo do amigo Lázaro estremece por dentro, fica agitado e chora (Jo 11, 33-35). Na véspera da própria morte sentiu tristeza, medo e angústia, a ponto de suar sangue (Mc 14, 33-34; Lc 22, 44). No alto da cruz sentiu-se abandonado não só pelos homens, mas também pelo próprio Deus e com certeza morreu gritando e talvez envolto em certo desespero.

Tudo quanto foi dito, prova-nos que a certeza de que a morte foi vencida não tira daquela o carácter de mistério e a sua cota de irracionalidade, contra-senso, incerteza, medo e sofrimento. A morte foi vencida, mas, em esperança (Rom 8, 24). Por enquanto, vivemos sob o regime da dor, do luto e das lágrimas. A superação definitiva da morte é um bem próprio dos tempos escatológicos (1Cor 15, 26). Somente lá, a morte será definitivamente aniquilada e arremessada no fosso de fogo (Ap 20, 14; Is 25, 8). Lá, «ninguém mais vai sofrer, ninguém mais vai chorar, ninguém mais vai ficar triste»¹⁶⁸. Lá, não haverá mais fome, nem sede. Nem o sol, nem o mormaço vão molestar ninguém (Ap 7, 14).

Esta ambiguidade de “já e ainda não” tão fortemente evidenciada na morte de um cristão, celebra-se nas exéquias. Através delas,

«Os corações piedosos podem entristecer-se com uma dor salutar pela morte de seus entes queridos e, por sua condição mortal, podem derramar lágrimas que serão consoladas e diminuídas pela fé, pela qual cremos que os fiéis, quando morrem, caminham à nossa frente e passam para uma vida melhor. São também consolados pelas atenções fraternas que lhe são apresentadas, já que na Escritura tudo isso conta entre as boas obras»¹⁶⁹.

¹⁶⁷ SANTO AGOSTINHO - *O cuidado devido aos mortos*, S. Paulo: Ed. Paulinas, 1990, p. 81.

¹⁶⁸ Oração Eucarística para as Missas com Crianças III, in *Missal Romano Reformado por Decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o papa Paulo VI*, Gráfica de Coimbra, MCMXCII, 1992, pp. 1336-1341.

¹⁶⁹ SANTO AGOSTINHO - *O cuidado devido aos mortos*, S. Paulo: Ed. Paulinas, 1990, p. 82.

Sem camuflar a dor e sem esvaziar o mistério da morte, as exéquias fortalecem em nós a convicção e a certeza de que, «para os que creem a vida não é tirada, mas transformada. E, desfeito o nosso corpo mortal, nos é dado nos céus, um corpo imperecível»¹⁷⁰.

5. A celebração cristã e a dimensão baptismal da morte

Embora o costume de enterrar seus mortos seja algo co-natural ao ser humano e os funerais uma venerável e não inútil tradição cristã, segundo Santo Agostinho, as exéquias são mais úteis aos vivos do que aos mortos.

«Providências relativas aos funerais, escolha da sepultura, pompa do enterro, tudo isso é mais consolo dos vivos do que alívio dos mortos. (...) Numeroso cortejo de escravos fez ao rico epulão exéquias magníficas aos olhos dos homens (Lc 16, 22). Muito mais brilhante, porém, aos olhos de Deus, as que o ministério dos anjos ofereceu ao pobre Lázaro coberto de úlceras. Não ergueram aos restos mortais túmulos de mármore, mas levaram-no para o seio de Abraão. (...) Disso não decorre que a Igreja e a piedade dos fiéis despendam em vão os cuidados que a religião inspira a serviço dos defuntos. Mas não deixa de ser verdade que cada um receberá conforme o que tenha praticado de bom ou de mau em sua vida, pois o Senhor retribui a cada um conforme suas obras»¹⁷¹.

Mergulhados nestes princípios, os primeiros cristãos, ainda segundo o testemunho de Santo Agostinho, enterravam seus mortos com muita singeleza em tumbas simples nos cemitérios pagãos.

Até ao século VII as exéquias cristãs caracterizavam-se também por um forte carácter pascal, expresso especialmente pela recitação de salmos que lembram o êxodo pascal de Israel

¹⁷⁰ Prefácio dos fiéis defuntos I, in *Missal Romano Reformado por Decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o papa Paulo VI*, Gráfica de Coimbra, MCMXCII, 1992, p. 509.

¹⁷¹ SANTO AGOSTINHO - *O cuidado devido aos mortos*, S. Paulo: Edições Paulinas, 1990, p. 23-27.

e pela celebração da Eucaristia junto do defunto. O que aconteceu sacramentalmente pelo Baptismo, a morte do cristão realiza-se existencialmente e, para expressá-lo, nada melhor do que a celebração da Eucaristia, memorial por excelência da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor.

Do século VIII ao século XV, nas exéquias cristãs, em vez de uma visão pascal, predominou uma visão trágica da morte. Perdeu-se a certeza da salvação e a Eucaristia, de celebração da passagem com Cristo e por Cristo da morte para a vida, passou a ser sacrifício propiciatório pelos defuntos.

O ritual de Paulo V, em 1614, tentou recuperar o carácter pascal da morte cristã, mas não conseguiu. Suas orações continuaram insistindo em demasia no perdão dos pecados. Esta situação perdurou até ao século XX quando, de novo, a Igreja, através do Concílio Vaticano II, prescreveu que «o ritual das exéquias deve exprimir mais claramente a índole pascal da morte cristã»¹⁷².

Segundo A. Bugnini¹⁷³ atender esta orientação foi uma das principais preocupações dos redatores do ritual promulgado, por determinação do Papa Paulo VI, em 1969. O novo ritual já não mais contém textos muito conhecidos e amados como o *Libera me Domine* ou o *Dies irae*, e, na maioria de suas orações, apresenta Cristo como vencedor da morte e fonte da ressurreição ou associa a morte do cristão ao mistério pascal de Cristo. A índole pascal da morte cristã aparece também de forma muito explícita nas leituras bíblicas e salmos propostos pelo novo ritual bem com nos textos das missas dos defuntos.

¹⁷² SC, n. 81, p. 30.

¹⁷³ Cf. Annibale BUGNINI - *La riforma litúrgica (1948-1975)*, Nuova Edizione riveduta e arricchita di note e di supplementi per una lettura analítica, Roma: Edizioni Liturgiche, 1997, p. 749.

Ao propor a revisão do rito das exéquias, o Concílio Vaticano II solicitou, além do carácter pascal, uma melhor correspondência às condições e tradições das diversas regiões¹⁷⁴, inclusive, com relação à cor litúrgica e que os ritos de enterro de crianças fossem enriquecidos com uma Missa própria¹⁷⁵. Para alcançar este objectivo, os redatores, mais do que um ritual propriamente dito, elaboraram um conjunto de orientações e fizeram uma colecção de textos para serem ordenados e distribuídos com mais lógica pelas Conferência Episcopais nos rituais nacionais.

A forte incidência exercida pelo contexto urbano de hoje tem sido tema de vários debates e isso ditou a evolução do próprio rito fúnebre. Hoje, no dizer de Philippe Rouillard, «para os defuntos, não há mais lugar nem nas casas, nem nas ruas, nem – para repouso eterno – nas cidades. Os vivos puseram os mortos de lado. E puseram de lado também os sinais da morte (a *tonatopraxe*, isto é, uso de produtos químicos para retardar a decomposição do cadáver; o desaparecimento do luto)»¹⁷⁶. Neste sentido, mostra-se mais apreciável a estrutura que o novo ritual das exéquias nos propõe, tornando possível uma celebração mais linear e simples sempre que as condições externas dificultarem ou até comprometerem o processamento das três “estações” do rito. Para estes casos, o ritual não deixa de oferecer estímulos interessantes para acentuar os contactos pessoais com os parentes, a oração em família, etc. No entanto, é verdade que, diante da tendência bastante generalizada de qualquer sinal público da morte, a Igreja possui um testemunho alternativo a propor: certamente não no sentido do restabelecimento da exterioridade, porém, antes, no do conhecimento consciente de que a realidade da morte – e, portanto, da sua celebração – deve ter espaço e dignidade em um mundo como o nosso¹⁷⁷.

¹⁷⁴ Cf. F. BROVELLI – «Exéquias» in Dicionário de Liturgia, São Paulo: edições paulinas, 1992, p. 430.

¹⁷⁵ Cf. SC, n. 81-82, p. 30.

¹⁷⁶ Philippe ROUILLARD - «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6* – Os sacramentais e as bênçãos, p. 232.

¹⁷⁷ Cf. F. BROVELLI – «Exéquias» in Dicionário de Liturgia, São Paulo: edições paulinas, 1992, p. 435.

Pela celebração do Baptismo as pessoas são mortas, sepultadas e ressuscitadas com Cristo (Rom 6, 4; Ef 2, 6; Cl 3, 1; 2Tm 2, 11). “O Baptismo é a união da nossa morte com a morte de Cristo”¹⁷⁸. Esta participação no mistério pascal de Cristo renova-se em cada celebração sacramental. O que acontece tantas vezes sacramentalmente, a fé cristã assegura que acontece existencialmente na morte do cristão. Segundo esta fé, com a sua morte, a pessoa “deixa este corpo para ir morar com o Senhor” (2Cor 5, 8), ou como dizia por outras palavras, Santa Teresinha do Menino Jesus: “a pessoa não morre, entra na vida”. A liturgia da Igreja não tem como centro algo que não seja o mistério pascal do Senhor; assim as exéquias não fazem exceção¹⁷⁹.

Na certeza desta fé, a Igreja celebra os funerais dos seus filhos. Através dela, o cristão que em sua vida “não duvidou da bondade do Salvador”, pelo contrário, “sempre acreditou e confiou” é entregue à terra “como corpo corruptível para ressuscitar incorruptível, como corpo desprezível para ressuscitar reluzente de glória, como corpo marcado pela fraqueza para ressuscitar cheio de força, como corpo psíquico para ressuscitar como corpo espiritual” (1 Cor 15, 42-44).

A grande problemática da linguagem nos funerais não é algo novo. Esta remonta aos tempos antigos e basta ver a evolução de orações e cantos, de símbolos ou de estruturas na praxe funerária cristã, tudo em busca de uma linguagem acessível que expresse o sentido pascal e de esperança perante a realidade da morte¹⁸⁰.

¹⁷⁸ Pere TENA - «Las exéquias, momento para la fé y la comuni3n», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, 9.

¹⁷⁹ Pere TENA - «Las exéquias, momento para la fé y la comuni3n», in *La Celebracion des les exequias*, p. 8.

¹⁸⁰ Cf. F. BROVELLI – «Exéquias» in *Dicionário de Liturgia*, São Paulo: ediç3es paulinas, 1992, p. 435.

6. Perspectivas pastorais (Pastoral das exéquias)

O novo ritual tem realmente importância especialmente por dois motivos: em primeiro lugar porque nos faz perceber que na celebração das exéquias se unem as duas vertentes maiores da missão da Igreja, isto é, a evangelização e a liturgia ou vida sacramental. De facto, quando a Igreja celebra a morte dos seus filhos proclama, por uma parte, tanto diante dos crentes como dos não crentes, o núcleo central do seu “evangelho”, o “*kerigma*” da ressurreição e triunfo do Senhor, que constitui a mais radical “evangelização” que o homem sofredor pode esperar; e por outra parte, com os seus ritos ou sacramentos, a Igreja celebra, para os crentes, o que se pode muito bem chamar raiz da fé e da esperança cristã¹⁸¹.

A fé na ressurreição dos mortos é ponto central da vida cristã. A existência da Igreja só tem sentido se for construída ao redor deste núcleo fundamental da fé. Como lembra o Apóstolo Paulo, se foi só para esta vida que pusemos nossa esperança em Cristo, somos as pessoas mais dignas de compaixão e nossas lutas perdem toda razão de ser. “Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos” (1Cor 15, 32).

No entanto, em muitos cristãos esta fé está bastante enfraquecida. Percebe-se isto nos necrológicos. O espírito de fé e de amor das comunidades cristãs e de seus pastores deve manifestar-se, com particular diligência, em momentos de especial significado na vida humana, como os da doença e da morte.

Foi por isso que, em todos os tempos, a Igreja acompanhou a morte e a sepultura dos seus membros com uma liturgia própria, que fosse para eles auxílio espiritual e, para os familiares e amigos, consolação e esperança:

¹⁸¹ Pedro FARNES - «Ritual de Exéquias. Nueva edición para Espana», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, p. 12.

«Nas exéquias, a Igreja pede que os seus filhos, incorporados pelo Baptismo em Cristo morto e ressuscitado, com Ele passem da morte à vida e, devidamente purificados na alma, sejam associados aos santos e eleitos no Céu, enquanto o corpo aguarda a bem-aventurança da vida de Cristo e a ressurreição dos mortos»¹⁸².

A Igreja «existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar»¹⁸³. Não pode, por isso, ficar indiferente quando, por ocasião de uma morte, for solicitada pelas pessoas, mesmo se (e justamente por isso) suas vidas e suas convicções religiosas deixam a desejar. Nestas circunstâncias, com certeza, mais do que em outras, serve a máxima de Goethe, segundo a qual se nos relacionamos com as pessoas como elas são, as faremos piores; se as tratarmos como deveriam ser, as levamos para onde deveriam estar.

O objectivo central da acção evangelizadora da Igreja, por ocasião das exéquias, será despertar a esperança e fortalecer a fé dos participantes no mistério pascal e na ressurreição dos mortos, sem, no entanto, ofender a tristeza dos que sofrem¹⁸⁴. Justamente porque celebram o mistério pascal, as exéquias não podem deixar de levar em conta tanto o aspecto da dor quanto o anúncio da esperança. Daí, a atenção que se pede aos ministros, pois, além de guias da fé, eles são «ministros da consolação»¹⁸⁵. O cuidado deve ser maior ainda, quando a morte ocorreu em circunstâncias de violência: terrorismo, chacina, sequestro, suicídio, vingança, acidentes de diversos tipos (trânsito, trabalho, por imprudência, por ciúme, por assalto, etc.).

Em tudo isto, a linguagem (atitudes, palavras, símbolos e ritos) desempenha um papel de suma importância. Nada menos “evangelizador” do que negar-se a celebrar ou celebrar de

¹⁸² Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 1, p. 9.

¹⁸³ PAULO VI - Exortação apostólica, *Evangelii Nuntiandi*, Roma: Livraria Vaticana, 1975, n. 14.

¹⁸⁴ Cf. Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 18, p. 14.

¹⁸⁵ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 17, p. 14.

modo superficial, sem “unção”, e apressadamente, só porque a pessoa morta e talvez a sua família não tenham sido bons cristãos. Neste sentido, o ritual faz uma recomendação muito clara:

«Ao preparar e organizar a celebração das exéquias, os sacerdotes tenham em conta, com muita compreensão, não só a pessoa do defunto e as circunstâncias da sua morte, mas também a dor dos seus familiares, sem esquecer o dever de os confortar, com delicada caridade, nas necessidades da sua vida cristã. Atendam particularmente àqueles que, por ocasião das exéquias, assistem às celebrações litúrgicas e ouvem a proclamação do Evangelho, mas que, ou são acatólicos ou são católicos que nunca ou quase nunca participam na Eucaristia ou dão a impressão de terem perdido a fé: para todos eles os sacerdotes são ministros do Evangelho de Cristo»¹⁸⁶.

O ritual não fica somente em recomendações. Em todas as suas estruturas, nas orações, leituras, símbolos e gestos percebe-se de forma clara a preocupação pastoral e a intenção de evangelizar. «A própria acção pastoral deve, inevitavelmente, situar-se dentro de um entrelaçamento de ‘momentos’ e de ‘atitudes’ já em grande parte codificados»¹⁸⁷. Tem lugar aqui outra importância que notamos neste novo ritual das exéquias: com esta publicação se inaugura quiçá, no dizer de Pedro Farnes, «uma nova geração de rituais»¹⁸⁸; pois esta nova edição tem como finalidade primordial o aprofundamento e a vivência espiritual das celebrações.

A celebração deixou de ser acto exclusivo do ministro e adquiriu um tom mais eclesial e comunitário. Já não se reza apenas pelo defunto, mas também pelos vivos provados pela dor. A dimensão comunitária faz parte da identidade cristã, até na hora da morte. Daí a

¹⁸⁶ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, 19, p. 14.

¹⁸⁷ F. BROVELLI – «Exéquias» in Dicionário de Liturgia, São Paulo: edições paulinas, 1992, pp. 435.

¹⁸⁸ Pedro FARNES - «Ritual de Exequias, nueva edición para Espana», in *La Celebracion des les exequias*, p. 13.

importância da presença da comunidade cristã na celebração das exéquias de um de seus filhos. Aliás:

«Lembrem-se todos os que pertencem ao povo de Deus de que na celebração das exéquias cada um tem a sua função a desempenhar: os pais ou familiares, os encarregados dos funerais, a comunidade cristã e particularmente o sacerdote, educador da fé e ministro da consolação, que preside à acção litúrgica e celebra a Eucaristia»¹⁸⁹.

Bem entendido o texto citado do ritual romano da celebração das exéquias, podemos dizer que é necessário hoje uma catequese para que as pessoas que participam nos funerais percebam que não basta a presença física para serem vistos, como que a dizer “vou participar para que quando chegar a minha vez, também haja pessoas”. Essa ideia imatura tem consequências tais como as vemos, pois muitos passam a vida fora da Igreja, enquanto o rito decorre, esperando somente acompanhar o cadáver ao cemitério.

6. 1. Que tipo de pessoas estão nos funerais?

Ninguém ignora que as celebrações pelos defuntos constituem momentos privilegiados de evangelização, não só para os fiéis praticantes, mas também para aqueles que assistem à celebração ocasionalmente. Uma das experiências mais comuns nos funerais é que muitos vão para mostrar comunhão com o cadáver da pessoa com a qual tiveram um vínculo de amizade; e, se porventura a pessoa em causa é um familiar, esta ocasião é um ponto de encontro com outros familiares que raramente se veem¹⁹⁰.

¹⁸⁹ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 17, p. 14.

¹⁹⁰ Cf. Pere TENA - «Las exéquias, momento para la fé y la comunión», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, p. 7.

Por isso, é necessário, antes de mais, ter em conta estas pessoas que pouco ou nada vivem em relação à fé. Deve ter-se em conta, ainda, que certos ambientes não se encontram evangelizados e catequizados, e, portanto, encaram a morte numa perspectiva de simples religiosidade contemporânea, atea e materialista, por isso importa evitar que as celebrações se transformem em actos sem esperança ou em simples acontecimentos sociais.

6. 2. Como acolher?

No discernimento pastoral a fazer, a propósito da celebração do funeral, é necessário começar sempre por manifestar um acolhimento fraterno para com os familiares do defunto. E ter-se-á em conta com a devida compreensão: a) a pessoa do defunto e a sua atitude, durante a vida, para com a fé, a Igreja e a moral cristã; b) as circunstâncias da sua morte; c) a dor dos familiares, e o dever de reanimar a esperança e a reavivar a fé; d) o dever de atender àqueles que, por ocasião das exéquias, assistem às celebrações litúrgicas e ouvem a proclamação do Evangelho e que podem ser não católicos, católicos não praticantes e católicos com crises de fé.

A Igreja recomenda textualmente a aceitação de bom grado do que houver de bom nas tradições familiares, nos costumes locais e até nos serviços das empresas funerárias. Porque não valorizar esses recursos, profanos e sagrados, em gesto de beleza? Tristeza não exclui beleza. A sociedade moderna com seu desenvolvimento tecnológico e económico pretende, ao gerar “felicidades”, fazer do homem moderno um homem feliz. Nos dias de hoje, o conceito de felicidade exclui a tristeza. Mas ao tentar evitar a dor e a tristeza, aspectos fundamentais da vida humana, o homem moderno nega uma dimensão essencial do seu ser. A beleza é percebida, em grande parte, justamente na tristeza.

No cristianismo, somos convidados a afiar a espada do desejo na mó do amor. O simples facto de poder estar na presença do corpo do falecido, por alguns instantes, é algo de extrema relevância. Tem razão Pere Tena, quando no lugar de “solidariedade” prefere “comunhão” referindo-se àquelas pessoas que se dirigem para os funerais¹⁹¹.

6. 3. Como pregar?

Para muitos católicos as exéquias são as poucas vezes que entram em contacto com a liturgia da Igreja. Os ministros devem prepará-las e celebrá-las com muito zelo, pois através delas, os filhos pródigos poderão sentir-se chamados a voltar à casa paterna. Sintonizar com a dor dos presentes, parentes e amigos, deve ser o primeiro cuidado a se ter em conta. O segundo não pode deixar de ser a intenção de comunicar-lhes a boa nova de Jesus Cristo, levando-os a reavivar a fé na ressurreição. Tudo deve ser feito com muita benevolência. Nas celebrações das exéquias, mais do que em outras celebrações, os ministros são «chamados a alimentar, robustecer e expressar a fé dos fiéis»¹⁹², por isso, devem ter a consciência de que são vigários do amor de Cristo e têm como missão, ao mesmo tempo, «anunciar a boa nova de Jesus aos que sofrem, porque ante a incerteza da vida humana, duvidam do sentido da própria existência»¹⁹³.

A pastoral das exéquias só revelará todo o seu sentido se for inserida numa pastoral mais ampla dos doentes. A presença da comunidade e do seu pastor nas exéquias adquire o devido relevo, quando o defunto for acompanhado e assistido, humana e espiritualmente, ao longo do seu sofrimento. Para que os funerais sejam verdadeiramente celebrados na fé, é

¹⁹¹ Pere TENA - «Las exéquias, momento para la fé y la comunión», in *La Celebracion de las exéquias*, p. 7.

¹⁹² SC, nº 59, p. 27.

¹⁹³ Pedro FARNES - «Ritual de Exequias, nueva edición para Espana», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, p. 12.

necessário promover, de forma habitual junto das comunidades, uma adequada catequese sobre o sentido da morte e da vida eterna¹⁹⁴.

O mistério pascal da morte e ressurreição de Cristo ilumina a nossa morte. Sabemos que os cristãos que morrem em Cristo “deixam este corpo, a fim de irem morar como o Senhor” (2Cor 5, 8). Esta fé deverá transparecer, com clareza, nos gestos e nas palavras da celebração exequial.

Para isso, o ministro deverá saber aproveitar os dois momentos que tem durante a celebração para tecer algumas palavras: no momento da breve alocução, no início da celebração, e no momento da homilia, após as leituras. No primeiro caso, conhecido normalmente como o tempo de saudação, as palavras têm um sentido psicológico e cuide-se de serem bem pensadas e curtas. Podem ser lidas se oportuno. No entanto, o ministro tem de procurar saber o mínimo sobre o defunto e sobre a situação humana e religiosa dos presentes no funeral¹⁹⁵.

Ademais, há coisas a considerar, como afirma Fischer, é sempre bom dizer o nome do falecido e, se oportuno, de forma discreta dizer as circunstâncias que o levaram à morte, falar sobre aquilo que era em vida e os seus méritos, sobretudo quando se trata de uma pessoa muito conhecida e reconhecida pela assembleia reunida. No entanto, «todo o pastor sabe com que cuidado deve proceder nos casos em que não há ocasião de tais elementos necrológicos»¹⁹⁶. No que diz respeito ao dirigir ou não uma palavra direcionada à família, como forma de dar os seus pêsames, julga-se oportuno, pois é uma forma de fazer entender que todos os presentes se unem à dor da perda do ente querido. Estas palavras de “pêsames”,

¹⁹⁴ Marcel TISSIER - «L'homélie aux funérailles», in *La Maison-Dieu*, 101 (1970) 120.

¹⁹⁵ Cf. B. FISCHER - «Una buena oportunidad: predicar en las exéquias», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, pp. 32-33.

¹⁹⁶ B. FISCHER - «Una buena oportunidad: predicar en las exéquias», in *La Celebracion des les exequias*, p. 33.

que à partida deverão ser “amáveis”, não podem substituir a homilia que terá seu lugar depois das leituras.

CONCLUSÃO

Por tudo quanto foi dito, podemos concluir, sem dúvida alguma, que o contexto da vida, paradoxalmente, é o mesmo da morte. A morte é uma realidade incontornável. Tal como ninguém escolhe viver, ninguém escolhe também morrer. Humanamente falando, podemos ser donos de nós mesmos, mas há sempre algo que nos supera e que, ainda que consigamos “adiar”, nunca evitaremos: a morte.

Infelizmente, na sociedade actual, a morte não é vista como uma “passagem”, mas como um “fim tenebroso”, o que torna difícil explicar a própria morte. Ainda mais, a morte dos outros é apenas tolerada e não há muito espaço para manifestações que expressem os sentimentos de luto. Já que ela é o fim lógico de todo o ser humano, tornou-se banal. No entanto, todos os rituais que analisámos ajudam os fiéis a enfrentá-la com fé. Portanto, urge aqui a necessidade de consciencializar as pessoas sobre o sentido da morte e a realização das promessas de vida eterna que fomos encontrando em todos estes rituais. Daí a importância do Ritual das Exéquias que, a nosso ver, não só tem aplicabilidade para os mortos, mas também actua directamente na personalidade dos vivos. Há que dar atenção aos símbolos e gestos propostos no Ritual e principalmente à catequese que daí retiramos para consolar os que enfrentam a morte.

No que toca à celebração das exéquias, todo o ser humano é digno e merecedor de um funeral, portanto, não há razão para não celebrar-se as exéquias, dizendo que o falecido não tinha nem praticava a fé. Entenda-se que o rito das exéquias não tem apenas o carácter de sufrágio para pessoas falecidas, mas atinge o coração das pessoas que choram a perda de seus entes queridos, dando-lhes o conforto que a dor exige neste momento, permitindo-lhes viver a vida presente com os olhos fixos na eternidade e considerando a finitude da existência terrena como um passo importante num processo de uma verdadeira vida, onde não há injustiça, lágrimas, sofrimento, onde a morte nunca mais existirá.

Evidentemente, ao nos propormos trabalhar este tema, não tivemos a pretensão de ser pioneiros na matéria, uma vez que se encontra estudada e apresentada em vasta bibliografia acessível. Recorremos, por isso, a autores e obras de referência que, sobre a matéria, já reflectiram e elaboraram estudos. Contudo, o trabalho ganha a sua originalidade ao tornar esclarecedores os procedimentos concretos do ritual, os quais nem sempre são perceptíveis.

Ademais, chamamos a atenção para um aspecto que expomos aqui, em forma de crítica ao novo ritual, sobretudo no que diz respeito ao quinto e sexto capítulos do ritual, onde se desenvolve a celebração das exéquias, no caso de cremação do cadáver, e as exéquias das crianças. Vejamos analiticamente cada um dos capítulos.

No quinto capítulo, o ritual manda que, na última encomendação e despedida, quando o rito é feito depois da cremação do cadáver, se faça a aspensão e a incensação, o que é normal em outras situações. Diz-nos o ritual, no número 157, que «se faz a incensação do corpo»¹⁹⁷. Que corpo? Questionamos nós. Uma vez que as exéquias são celebradas depois da cremação, haverá ainda corpo para isso? Será porventura erro de digitação ou quem redigiu o texto quis dizer “incensação das cinzas” no lugar de “incensação do corpo”? O mesmo erro é repetido

¹⁹⁷ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 154, p. 171.

neste número quando se lê: «o ministro dá a volta ao féretro aspergindo-o com água benta; (depois, põe incenso, benze-o e dá uma segunda volta perfumando o cadáver com incenso)»¹⁹⁸. A nossa dúvida consiste mais uma vez em saber se se podem considerar as cinzas um cadáver! Nós achamos que o melhor seria: “perfumando as cinzas do cadáver com incenso”.

No sexto capítulo deparamo-nos com a questão das exéquias das crianças. No número 199 das notas explicativas, lemos a respeito da última encomendação e despedida para uma criança ainda não batizada: «depois, durante o canto de despedida, faz-se a aspersão (e a incensação) do corpo; uma e outra, porém, podem fazer-se depois do cântico»¹⁹⁹. A nossa questão é justamente se o acto de incensação e aspersão pode fazer-se para um cadáver de alguém não batizada. No segundo capítulo deste nosso trabalho, explicamos que a aspersão com água benta lembra-nos o Baptismo que nos fez entrar na dinâmica pascal e participar da paixão, morte e ressurreição do Senhor. Assim, como no Baptismo os familiares traçam o sinal da cruz na fronte da criança, agora todos são chamados a fazer a mesma coisa sobre o corpo do defunto enquanto o aspergem. No entanto, estamos a falar de uma criança não batizada.

Dissemos ainda que o incenso é um sinal de respeito pelo defunto e simboliza nossa oração que sobe até Deus. Tem, assim, um sentido sacrificial. Do mesmo modo como se queima para exalar um agradável perfume, da mesma forma o cristão, com sua morte, consuma o sacrificio de suave perfume que durante toda a vida ofereceu a Deus (Fl 4, 18; 2Cor 2, 15). Até ao Concílio Vaticano II, o conceito de cristão era reduzido ao grupo de batizados que professam num único Senhor, Jesus Cristo. No entanto, a nossa questão é se os

¹⁹⁸ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 154, p. 171.

¹⁹⁹ Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa., Braga: Editorial A. O., 2005, n. 199, p. 216.

cadáveres das crianças não baptizadas, ainda que a Igreja as deixe sob a misericórdia de Deus, podem também ser incensadas. Neste ponto, nós achamos que não seria relevante quanto à aspersão acima desenvolvida.

Seja qual for a crítica que se faça deste novo ritual, revisto pelo Concílio vaticano II, não há dúvidas de que ele é um dos ritos mais ricos da Igreja, pela profundidade com que trata o tema, não só do ritual como tal, mas da vida, vida que não tem fim, que apesar da morte física, ela (a vida) continua eterna em Cristo Senhor. As reflexões nele contidas clarificam de sobremaneira o sentido da morte, sem tirar o lado de luto que ela traz às famílias.

Outrossim, como já acenamos, o ritual das exéquias não é um sacramento, podendo, portanto, ser conduzido por uma pessoa que não tenha recebido o sacramento da ordem. Mesmo assim, o ritual das exéquias não deixa de ser uma celebração litúrgica, contando, portanto, com a orientação e o aval da Igreja. É verdade que em muitos lugares, a presença do padre no velório, por tudo o que ele representa, é solicitada pela família, mesmo que um ministro leigo já tenha feito um ritual similar.

Constatamos que os funerais são ritos que confirmam a passagem e consolam os que ficam, firmando-os na esperança. Por essa razão, esta celebração pode chamar-se “celebração da esperança”. As exéquias são a encomendação da alma a Deus e com o ritual espera-se que Deus receba o ente querido no Reino dos Céus. O código canónico fundamenta perfeitamente esta ideia de exéquias como um rito de passagem, esperança e consolo. Senão vejamos: «as exéquias eclesiásticas, com as quais a Igreja suplica para os defuntos o auxílio espiritual, honra seus corpos e, ao mesmo tempo, dá aos vivos o consolo da esperança, sejam celebradas de acordo com as liturgias»²⁰⁰.

²⁰⁰ Código de Direito Canónico, *Codex Iuris Canonici*, Promulgado por S. S. O Papa João Paulo II, Textos Latino e Versão Portuguesa, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983, Cân. 1176, & 2.

Numa celebração das exéquias há sempre algo a ter em conta: é importante adaptar o tom da celebração à situação da assembleia e ter em conta tanto a maneira como ocorreu a morte, como a família e os amigos acolheram essa morte, lembrando que não é a mesma coisa a morte de uma pessoa anciã e a morte de uma pessoa jovem; não é a mesma a morte de uma pessoa que esteve muito tempo doente e a morte súbita de uma pessoa. Há-de se inteirar das circunstâncias da morte e saber como ela bateu à porta para melhor saber interagir com a família e os amigos.

A morte não é o fim de tudo. É um princípio sem fim. Só perceberemos isso, se a olharmos a partir do evento cristológico, pois em Cristo adquirimos a plenitude e a morte não tem mais relevância nem domínio sobre nós. O ritual das exéquias ajuda a perceber esta verdade, permitindo aos familiares acompanharem o seu ente querido por meio das orações propostas neste novo ritual revisto que, a nosso ver, excluindo as críticas dele extraídas, é um ritual extremamente bem elaborado.

BIBLIOGRAFIA

I. Fontes Bíblicas

Biblia Sacra vulgatae editionis Sixti V Pontificis Maximi iussu recognita et Clementis VIII auctoritate edita, Paris 1901.

II. Fontes Patrísticas

AURELII AUGUSTINI, *De Moribus Ecclesiae Catholicae*, in PL 32, Paris: ed. J. P. Migne, 1841, pp. 1310-1344.

AURELII AUGUSTINI, *Epistola XXIII*, in PL 33, Paris: ed. J. P. Migne, 1865, pp. 94-98.

AURELII AUGUSTINI, *In Joannis Evangelium*, in PL 35, Paris: ed. J. P. Migne, 1845, pp. 1380-1976.

AURELII AUGUSTINI, *De Civitate Dei I, 13*, in PL 41, Paris: ed. J. P. Migne, 1864, pp. 13-804.

SANTO AGOSTINHO – “Confissões”. Braga: editorial Apostolado de Imprensa, 12^a ed., 1990.

SANTO AGOSTINHO - “O cuidado devido aos mortos”. S. Paulo: Ed. Paulinas, 1990.

III. Fontes Magisteriais

PAULO VI - Exortação apostólica, *Evangelii Nuntiandi*, Roma: Livraria Vaticana, 1975.

JOÃO PAULO II – Carta Encíclica, *Evangelium Vitae*, Roma: Livraria Vaticana, 1995.

BENTO XVI - Exortação Apostólica pós sinodal *Sacramentum Caritatis*, Roma: Livraria Vaticana, 2007.

Sacrosanctum Concilium – «Constituição sobre a Sagrada Liturgia», in Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios, 10ª edição, Braga: editorial A. O, 1987, pp. 12-41.

Lumen Gentium – «Constituição dogmática sobre a Igreja», in Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios, 10ª edição, Braga: editorial A. O, 1987, pp.57-116.

Apostolicam Actuositatem - «Decreto sobre o Apostolado dos Leigos», in Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios, 10ª edição, Braga: editorial A. O, 1987, pp. 235-261.

Gaudium et Spes - «Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo actual», in Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituições – Decretos – Declarações e Documentos Pontifícios, 10ª edição, Braga: editorial A. O, 1987, pp. 343-418.

Código de Direito Canónico, *Codex Iuris Canonici*, Promulgado por S. S. O Papa João Paulo II, Textos Latino e Versão Portuguesa, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial Apostolado da Oração, 1983.

Catecismo da Igreja Católica. 2ª Edição. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000.

IV. Fontes Litúrgicas

Instrução Geral do Missal Romano, Normas gerais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário, 3ª edição típica, Secretariado Nacional de Liturgia, Coimbra: gráfica de Coimbra, 2003.

Missal Romano Reformado por Decreto do Concílio Ecuménico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o papa Paulo VI, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992.

Ritual Romano Celebração das Exéquias, Conferência Episcopal Portuguesa, Braga: Editorial A. O., 2005.

V. Estudos

ALDAZÁBAL, José - «El canto en la celebracion de las exéquias», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, pp. 36-46.

_____ - «El lenguaje de los símbolos en las exéquias», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, pp. 55-67.

_____ - «Exéquias» in *Vocabulário básico de liturgia*. Biblioteca litúrgica 3, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 1996, pp. 148-149.

_____ - *La Eucaristía*, Biblioteca Litúrgica 12, Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 2000.

ANGUÉ, Jean-Louis - «Points de repère pour la pastorale des funérailles», *La Maison-Dieu* 213 (1998) 123-127.

ANDRONIKOF, Constantin - *Des mystères sacramentels*, Paris: Les éditions du Cerf, 1998.

ARAÚJO, Thiago Nicolau de - *Túmulos celebrativos do Rio Grande do Sul: múltiplos olhares sobre o espaço cemitério (1889 – 1930)*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ARIÉS, Philippe - *O homem perante a morte II*, Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.

_____ - *História da morte no ocidente*, Lisboa: Ed. Teorema, 1989.

_____ - «La liturgie ancienne des funérailles», *La Maison-Dieu* 144 (1980) 51-57.

AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001.

_____ - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Vol III, Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2001.

AZEVEDO, Thales - *Ciclo da vida: ritos e mitos*, São Paulo: Ática, 1987.

BALANDIER, Georges - *A desordem. Elogio do movimento*, Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

BAYARD, Jean-Pierre - *Sentido Oculto dos Ritos Funerários: morrer é morrer?*, São Paulo: Paulus, 1996.

BORÓBIO, Dionísio - *A celebração na Igreja – Os sacramentos*, Vol. 2, São Paulo: Loyola, 1993.

BROVELLI, F. – «Exéquias» in *Dicionário de Liturgia*, São Paulo: edições paulinas, 1992, pp. 426-436.

BUGNINI, Annibale - *La riforma litúrgica (1948-1975)*, Nuova Edizione riveduta e arricchita di note e di supplementi per una lettura analítica, Roma: Edizioni Liturgiche, 1997.

CABIÉ, Robert - «A Celebração da Eucaristia após o Vaticano II, Secção IV», in *A Igreja em Oração. Introdução à Liturgia, Vol. II*, ed. Aimé G. MARTIMORT, com a colaboração de R. CABIÉ, I. H. DALMAIS, J. ÉVENOU, P. M. GY, P. JOUNEL, A. NOCENT e D. SICARD, Petrópolis: edições Vozes, 1989, pp. 169-204.

CRUZ, Manoel Pereira da – *Cemitérios*, Dissertação (Mestrado em Medicina), Porto: Escola Médico-cirúrgica, 1882.

DURKHEIM, Émile - *As formas elementares de vida religiosa*, São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea - *O sagrado e o profano: a essência das religiões*, São Paulo: Martins Fonte, 1996.

ELIAS, Norbert - *A solidão dos moribundos, seguida de envelhecer e morrer*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FARNES, Pedro - «La celebracion de las exéquias en los monasterios», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, pp. 47-54.

_____ - «Ritual de Exequias, nueva edición para Espana», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, pp. 12-23.

FISCHER, B. - «Una buena oportunidad: predicar en las exéquias», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, pp. 32-35.

GEERTZ, Clifford - *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GODELIER, Maurice - *O enigma do dom*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GY, P. M. - «A morte do Cristão», in *A Igreja e Oração. Introdução à Liturgia*, ed. A. G. MARTIMORT, Singeverga: edições Ora & Labora, 1965, p. 713-727.

HANUS, Michel - «Les implications psychologiques de la crémation», *La Maison-Dieu* 213 (1998) 69-80.

HERVIEU-LÉGER, Danièle - «Crémation, Socialization et rite», *La Maison-Dieu* 213 (1998) 59-68.

HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves - *A arte de morrer: Tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade*, 3ª edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

HUGUES, Jean-Claude - «La crémation et ses risques por l'antropologie chrétienne», *La Maison-Dieu* 213 (1998) 81-96.

«Instrução do Santo Ofício a propósito da cremação», *Revista Eclesiástica Brasileira* 25 (1965) 127-128.

KIERKEGAARD, S. - *Temor e tremor*. Tradução de MARINHO, Maria José. Col. Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. - *Sobre a morte e o morrer*, EDART, São Paulo: ed. Da Universidade de S. Paulo, 1977.

_____ - *Sobre a Morte e o Morrer*, São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LECLERCQ, H. - «Catacombes», in *Dictionario d'archéologie chrétienne et de liturgie*, ed. Fernand CABROL, tome deuxième, 2^{ème} partie (II/2), Paris: Letouzey et Áne editeurs, 1910, pp. 2376-2450.

_____ - «Art des Catacombes», in *Dictionario d'archéologie chrétienne et de liturgie*, ed. Fernand CABROL, tome deuxième, 2^{ème} partie (II/2), Paris: Letouzey et Áne editeurs, 1910, pp. 2450-2486.

_____ - «Cimetière ad Catacumbas», in *Dictionario d'archéologie chrétienne et de liturgie*, ed. Fernand CABROL, tome deuxième, 2^{ème} partie (II/2), Paris: Letouzey et Áne editeurs, 1910, pp. 2487-2510.

LECOINTE, Isabelle - «Rituel des funérailles et proposition de la foi» *La Maison-Dieu* 257 (2009) 29-50.

LOPES, Julian - «El lecionário del ritual de exéquias», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, pp. 24-31.

MARTIMORT, A. G. - «Estrutura e leis da Celebração Litúrgica, Secção I», in *A Igreja em Oração. Introdução à Liturgia*, ed. A. G. MARTIMORT, Singeverga: edições Ora & Labora 1965, pp. 75-215.

MACKENZIE, John L. - *Dicionário Bíblico*, 2ª edição, São Paulo: Paulinas, 1983.

MORLET, Joel - «L'Église dans le champ social des funérailles» *La Maison-Dieu* 213 (1998) 1-32.

MUMFORD, Lewis - *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*, Trad.: Neil R. da Silva, 4ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RENIER, Louis-Michel - «Rôle et fonctions dans la liturgie des funérailles», *La Maison-Dieu* 213 (1998) 97-111.

REIS, João José - *A morte é uma festa. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIGHETTI, M. - *Manual de storia litúrgica*, t. 2, 2ª ed., Milão: Ancora, 1955, p. 375.

ROUILLARD, Philippe – «Os ritos funerários», in *Anamnesis 6 – Os sacramentais e as bênçãos*, ed. H. Scicolone - A. Nocent – M. Augé (et al), São Paulo: Edições Paulinas, 1993, pp. 225 – 265.

S/a – *Exéquias, celebración y homilias*, Dossiers CPL, 115, Preparado por Josep AYMERICH, Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2009.

SICARD, Damien - «Le rituel des funérailles dans la tradition», *La Maison-Dieu* 101 (1970) 33-38.

SCHILLEBEECKX, E. H. - *Le Christ, sacrement de la rencontre de Dieu: étude théologique du Salut par les sacrements*. Paris: Cerf, 1997.

SCHMITT, Jean Claude - *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*, Trad.: Maria Lucia Machado, São Paulo: Cia das Letras, 1999.

TENA, Pene - «Las exéquias, momento para la fe y la comunión», in *La Celebracion des les exequias*, Barcelona: ed. Centre de Pastoral Litúrgica, 1993, pp. 7-11.

TISSIER, Marcel - «L'homélie aux funérailles», *La maison-Dieu* 101 (1970) 119-126.

TURCK, André – «Notes sur les funérailles d'enfants non baptisés», in *La maison-Dieu*, 101 (1970) 113-118.

ÍNDICE

Siglário e Abreviaturas	3
INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I	10
HISTÓRIA DOS RITUAIS ROMANOS DOS FUNERAIS	10
I. Definição de “Exéquias”	12
1. Dimensão eclesial da celebração das exéquias	13
2. Banquetes funerários	14
3. Atitudes ou manifestações de pesar	17
4. Um olhar sobre “cremação” ou “incineração” na história da Igreja	18
5. As Catacumbas	23
6. Os Cemitérios	25
II. Relação Sacramento e Sacramentais	27
a) Os Sacramentais e a santificação da vida cristã	28
b) Os Sacramentais e a cultura cristã	29
III. História dos rituais romanos dos funerais	30
1. Dos ritos pagãos aos ritos cristãos	30
2. O Ritual Romano no Século VII	32
3. Os rituais romano-galicanos do século VIII-IX	33
4. O ritual romano de 1614	36
CAPÍTULO II	39
“ORDO EXSEQUIARUM”: O RITUAL RENOVADO PELO CONCÍLIO VATICANO II	39
1. Motivações para a reforma do ritual	39
2. Conteúdo, estrutura e novidades do novo ritual das exéquias	42
a) Acolhimento	44
b) Liturgia da Palavra	46
c) Celebração da Eucaristia	51
d) Encomendação e última despedida (<i>commendatio et valedictio</i>)	52
3. Algumas novidades	55
4. Linguagem verbal e não-verbal no ritual das exéquias	57
a) Linguagem Verbal	57
b) Linguagem não-verbal	59
5. A teologia do novo rito	62

CAPÍTULO III	66
A MORTE E A RESSURREIÇÃO DO CRISTÃO	66
1. O Viático	67
2. A morte: uma realidade incontornável, mas não o fim de tudo.....	68
3. A morte: um apelo ao transcendente	70
4. A morte vista a partir da Sagrada Escritura	71
5. A celebração cristã e a dimensão baptismal da morte	73
6. Perpectivas pastorais (Pastoral das exéquias)	77
6. 1. Que tipo de pessoas estão nos funerais?	80
6. 2. Como acolher?	81
6. 3. Como pregar?	82
CONCLUSÃO	85
BIBLIOGRAFIA	90
ÍNDICE	97